

E A VIDA CONTINUA

E a Vida Continua

Os graus de conhecimento e responsabilidade variam ao infinito. Os planos de vivência, para os habitantes do Além, se personalizam de mil modos, e a vida para cada um se especifica invariavelmente, segundo a condição mental em que se coloque. Quanto maior a cultura de um Espírito encarnado, mais dolorosos se lhe mostrarão os resultados da perda de tempo. Quanto mais rebelde a criatura perante a Verdade, mais aflitivas se lhe revelarão as conseqüências da própria teimosia. / A sociedade, para lá da morte, carrega consigo os reflexos dos hábitos a que se afeiçoava no mundo. / Nenhuma construção digna se efetua sem a cooperação do serviço e do tempo. Depois da grande renovação, encontraremos o retrato espiritual de nós mesmos, com as situações que forjamos, a premiar-nos pelo bem que produzam ou a exigir-nos corrigenda pelo mal que estabeleçam. / A vida continua plena de esperança e trabalho, progresso e realização, em todos os distritos da Vida Cósmica, ajustados às Leis de Deus.

(Emmanuel)

1. Encontro inesperado

O vento brincava com as folhas secas das árvores, quando **Evelina Serpa (Ev)** decidiu sentar-se no banco que parecia convidá-la ao repouso. Raros turistas na estância mineira, naquela segunda quinzena de outubro. Ali se achava ela, em companhia da governanta que ficara no hotel. O médico amigo aconselhara-lhe revigoramento e descanso, ante a cirurgia que a esperava. Deu asas às reflexões. Casara-se seis anos antes. A princípio, tudo fora excursão em caravela dourada sobre correntes azuis; no entanto, com a gravidez, apareceu a doença. Revelaram-se os rins incapazes de qualquer sobrecarga e o coração ameaçava falhar. Ginecologistas opinaram pelo aborto terapêutico, para mágoa do casal. **Caio (C)**, o esposo, como que se metamorfoseara num simples amigo cortês. Passara facilmente para o domínio de outra mulher, uma jovem solteira... Evelina sofria de crises de opressão na área cardíaca, náuseas, dores cruciantes de cabeça, com sensação de frio geral. No ápice da angústia, admitia-se prestes a morrer. Contava apenas 26 anos. Embora sentisse saudades do pai, que desencarnara ao tempo em que ela não passava de frágil criança, havia crescido, na condição de filha única, sob a dedicação de carinhosa mãe, que lhe dera um padrasto atencioso e amigo. Era Evelina católica praticante. Por vezes se perguntava: *‘Onde estariam seu pai e seu filho? Se viesse a morrer com a*

*moléstia, conseguiria reencontrá-los?’ / Atirara-se ao monólogo íntimo, quando alguém lhe surgiu à frente, um cavalheiro maduro, cujo sorriso bonachão lhe infundiu simpatia e curiosidade. Ele perguntou, respeitoso: --‘A senhora Serpa? Perdoe-me a ousadia, mas soube que a senhora reside em São Paulo, onde moro também. Fui informado de que temos ambos um problema em comum. Nada receie. Sou **Ernesto Fantini (Er)**, um criado seu.’ / ‘Encantada em conhecê-lo, sente-se e descanse.’ / ‘A senhora enfrentará também uma cirurgia de caráter difícil...’ / ‘Também?’ / ‘Sim, porque estou nas mesmas condições. Há três anos ouço especialistas. Pressinto coisa grave...’ / ‘Compreendo... conheço tudo isso, sensações de gelo e fogo ao mesmo tempo, o peito a sufocar, dores, as veias a engrossarem no pescoço, e a idéia da morte perto...’ / ‘Isso mesmo... Mas, deixe estar, senhora Serpa, que temos uma doença de nome raro e bonito...’*

2. Na porta da intimidade

Não longe surgiu pequeno carro de passeio. Vendo o animal que se aproximava, a passo lento, Ernesto sugeriu: --‘Se aceita uma excursão pelas termas...’ (Ev)‘Agradeço, contudo, não posso. Refazimento é agora minha melhor terapêutica.’ / ‘Sim, nosso caso não comporta sacudidelas. Senhora Serpa...’ / ‘Chame-me Evelina. Creio que, sendo nós irmãos numa doença rara, temos direito à estima espontânea.’ / ‘Muito bem!... Doravante, sou também apenas Ernesto, para a senhora. Já leu algo de espiritualismo?’ / ‘Não.’ / ‘Pois *a charrete me fez lembrar minha leitura de ontem: o escritor, numa definição superficial, compreende a criatura humana como um ternário, semelhante ao carro, o cavalo e o condutor, os três juntos em serviço...*’ / ‘Como pode ser isso?’ / ‘O carro equivale ao corpo físico, o animal pode ser comparado ao corpo espiritual, modelador e sustentador dos fenômenos que nos garantem a existência física, e o cocheiro simboliza o nosso Espírito, isto é, nós mesmos, no governo mental da vida que nos é própria. Avariado o carro e tornado imprestável, o condutor abandona-o à sucata da natureza e prossegue o serviço, montando o animal para continuarem ambos, no curso de sua viagem para diante... Isso ocorreria na morte ou desencarnação: o corpo de carne, tornado inútil, é restituído à terra, enquanto que nosso Espírito, envergando o envoltório de matéria sutil, que, aliás, lhe condiciona a existência terrena, passa a viver em outro plano, no qual a roupa de matéria mais densa para mais nada serve...’ / ‘Teoria engenhosa!... E o que me diz desse trio durante o sono?’ / ‘Há descanso para os três elementos, descanso esse que varia de condutor para condutor, ou melhor, de Espírito para Espírito. Quando dormimos, o veículo pesado ou corpo carnal repousa sempre, mas o comportamento do Espírito difere infinitamente, desde excursões educativas ou tarefas nobilitantes até o total imobilismo, nas imediações do corpo.’ / ‘Nada conheço de espiritualismo...’ / ‘É profícuo de alguma religião?’ / ‘Sou católica, sem fanatismo, mas determinada a viver segundo os preceitos de minha fé.’ / ‘Deve

ser louvada por isso. Toda convicção pura é respeitável. Invejo-lhe a confiança perfeita. Eu, porém, sou um procurador da verdade, livre atirador no campo das idéias...’ / ‘E lê espiritualismo por desfastio?’ / ‘Oh! não! Leio por necessidade. Esqueceu? Estamos na bica de uma cirurgia que nos pode ser fatal... *Nossas malas talvez estejam prontas para uma longa excursão!...*’ / ‘*Da qual ninguém volta.*’ / ‘*Quem pode saber?*’ / ‘Entendo. *Estuda espiritualismo, à maneira do viajante que aspira a conhecer os costumes do país que tenciona visitar...*’ / ‘Não nego. Disponho de tempo. Faço hoje os investimentos que posso em tudo que se relacione com as ciências da alma, principalmente com o que se refira à sobrevivência e à comunicação com os Espíritos, supostos habitantes de outras esferas.’ / ‘Já encontrou prova de semelhante intercâmbio? Mensagens de mortos queridos?’ / ‘Ainda não.’ / ‘Prefiro as minhas crenças tranqüilas.’ / ‘É uma bênção o seu estado íntimo, a sua felicidade religiosa; mas, e se houver uma outra vida à nossa espera e se a indagação aparecer em sua alma?’ / ‘*Como pode falar desse modo se ainda não obteve a suspirada demonstração da sobrevivência?*’ / ‘*Não me é possível descrer dos sábios e pessoas de elevado caráter, que a tiveram.*’ / ‘Bem, o senhor estará com os pesquisadores, eu ficarei com os meus santos...’ / ‘Antes da moléstia, reconhecia-me seguro da vida. Entretanto, um tumor na supra-renal não é uma pedra no sapato. Obriga-me a pensar, raciocinar, discernir...’ / ‘Tem medo da morte?’ / ‘Não tanto, e a senhora?’ / ‘Bem, não desejo morrer. Adoro a vida, mas *se Deus determinar a extinção dos meus dias, estarei conformada. Admito os males que outros nos façam como parcelas do resgate de nossos pecados* perante Deus. Dou contas de mim mesma aos confessores. E procuro preservar-me, reconheço que não devo ferir ninguém. Busco na confissão um contraveneno que me imunize, *evitando a explosão de minhas tendências inferiores.*’ / ‘Admirável que uma inteligência, qual a sua, se acomode com tanto gosto e sinceridade à confissão.’ / ‘Certamente preciso saber com que sacerdote me desinibo. *Não quero comprar o Céu com atitudes calculadas e sim agir em oposição aos defeitos que carrego.* Também eu tenho vivido mais cuidadosa, ante a enfermidade. Harmonizei-me com os deveres religiosos. Confessei-me. E posso dizer-lhe a maior inquietação que confiei ao meu velho diretor... Por que não? Estamos aqui como amigos de muito tempo.’ [A mirada recíproca lhes fazia observar que haviam caminhado, a passos compridos, para a intimidade profunda: ‘Onde vira antes aquela jovem senhora, que a beleza e o raciocínio tanto favoreciam?’ / ‘Em que lugar teria encontrado alguma vez aquele cavalheiro maduro e inteligente, que tão bem conjugava simpatia e compreensão?’]

3. Ajuste amigo

Fantini procurou tranqüilizar a companheira: --‘Continuemos, Evelina; sou um velho enfermo que pode ser seu pai e acredite que a vejo como filha... a filha que estimaria ter, em lugar da que possuo.’ / ‘O senhor não se alegraria com

uma filha doente, qual estou. Mas... voltemos ao meu caso, o caso da confissão.’ / ‘Não me conte tristezas...’ / ‘Meu pai morreu, quando eu mal completara dois anos; na infância, fui internada num colégio de religiosas amigas. Casei-me, para ter um marido diferente daquele que eu sonhava... No meio do romance, uma tragédia... Um homem, um rapaz digno, aniquilou-se por minha causa, seis meses antes do meu casamento. Quando meu sentimento balançava entre ele e o homem que desposei, despediu-se da vida com um tiro no coração...’ / ‘Não se julgue culpada. *O impulso suicida, tanto quanto o impulso criminoso são incógnitas da alma. Talvez sejam ápices de doenças psíquicas, demoradamente mantidas no espírito. São atos de delírio, processos de corrosão mental.*’ / ‘O senhor procura apaziguar-me. Decerto não conheceu um problema assim agudo a conturbar-lhe a consciência.’ / ‘Eu? Já cometi muitos erros, sofri muitos enganos... Não consegui esquecer o moço suicida, com apoio do confessor?’ / ‘Não obtive a paz que desejava. Basta me lembre de **Túlio (T)**, o infeliz, para que me surja, de imediato, o complexo de culpa... O senhor *acredita que reencontraremos as pessoas queridas, depois da morte?*’ / ‘Não sei, mas lembro-me de um pensamento do velho Shakespeare: *“Os infelizes não possuem outro medicamento que não seja a esperança.”* Tenho boas razões para crer que nos reveremos uns aos outros. Já notou que as idéias e as palavras são filhas das circunstâncias? A moléstia aflitiva nos leva a novas interpretações, ao redor da vida e da morte. Admito que a existência não acaba no túmulo. O envoltório de carne tomará consumido; todavia, o Espírito seguirá adiante, sempre adiante...’ / ‘Costuma pensar em alguém que estimaria achar na outra vida?’ / ‘Penso em alguém que estimaria não achar.’ / ‘Reconforta-me a certeza com que fala acerca do futuro.’ / ‘A senhora não deve perder a confiança no porvir. É cristã, discípula de um Mestre que ressurgiu da campa, ao terceiro dia, depois da morte.’ / ‘Bem, senhor Fantini, *se houver outra vida, além desta, e se for a vontade de Deus que venhamos a sofrer, em breve, a grande mudança, creio que nos veremos de novo e seremos lá bons amigos...*’ / ‘Como não? E quando volta a São Paulo?’ / ‘Amanhã. Na semana vindoura, enfrentarei o problema. E o senhor?’ / ‘Não estou certo. Questão de mais alguns dias.’ / ‘*Esperemos o futuro sem aflição.* Talvez nos encontremos na Terra mesmo. Se a morte vier, a nossa amizade, em outro mundo, ficará também subordinada aos desígnios da Providência.’ / Ernesto achou graça e ambos regressaram ao hotel, passo a passo, em comovido silêncio.

4. Renovação

Evelina somente voltou a pensar em Ernesto, quando o Dr. Caio Serpa, seu esposo, a deixou no apartamento do hospital, na véspera da cirurgia. Sim, meditava torturada, arrostaria grande risco... *Se morresse, para onde iria? Quando menina, acreditava nos lugares predeterminados de felicidade e sofrimento, da antiga teologia católica. Agora, porém, com a ciência*

explorando as vastidões cósmicas, percebia o tato com que o amadurecido confessor lhe falava das indispensáveis renovações que se impunham à esfera religiosa. Aprendera, com ele, a conservar inalterável a confiança em Deus, no divino apostolado de Jesus-Cristo e no ministério inefável dos santos; contudo, decidira colocar à parte, no rumo da necessária revisão, todas as afirmativas da autoridade humana sobre as coisas e causas da Providência Divina.

Atravessava escabrosa fase nas relações conjugais. Recuperando-se, diligenciaria remover a outra. Devia querer a vida, disputá-la a todo preço, sentir-se prestante, não apenas para os familiares, mas também para as criaturas menos felizes. Poderia, sem dúvida, diminuir a penúria onde a penúria existisse... Sim, recusaria todo pensamento, acerca dos fenômenos da morte, e concentrar-se-ia no propósito de recuperar-se organicamente. Conhecera com psicólogos a importância dos impulsos mentais. Aspirava a sarar. Concentraria seus potenciais de força emotiva na direção da cura. Ah! Oraria também... / Fitou uma imagem de Jesus Crucificado e, enquanto rezava, pareceu-lhe que o Cristo estimava surgir, na memória das criaturas, naquela figura de dor, para lembra-lhes a fatalidade da morte. // Visitando a esposa, o Dr. Serpa evidenciava energia e brandura simultâneas. O moço causídico trancava-se no imo do ser, esforçando-se por manter oculta a feição enigmática da própria alma. Porém, aos nossos olhos espirituais, patenteava sombrias inquietações... Os médicos nada lhe garantiam além de uma operação exploratória, com reduzidas esperanças de êxito. O cardiologista quase desaconselhava o tentame... // Finda a cirurgia, o médico resumiu suas impressões numa frase: --'Ela parece uma rosa totalmente carcomida por agentes malignos.' / Caio, petrificado, ouviu-o discorrer sobre *neoplasmas e metásteses...* / Durante noites de paciência e ansiedade, foi para a esposa o irmão e o pai, o tutor e o amigo. Dona **Brígida (B)**, a genitora, e o Sr. **Amâncio Terra (Am)**, o padrasto de Evelina, proprietários de sítio próspero no sul paulista, compareceram desolados. // Aparentemente melhorada, ela voltou ao mundo doméstico. Mais alguns dias de serena ventura e evocação ao lado do marido, que a levou a rever as paisagens do Morumbi, e Evelina amanheceu em crise. De angústia em angústia, com anestésicos de permeio, a jovem senhora Serpa atingiu a derradeira noite no mundo. Ao lado do esposo e dos pais, Evelina, fatigada, cerrou os olhos do corpo físico, na suprema libertação...

5. Reencontro

Evelina despertou num quarto espaçoso, com duas janelas deixando ver o céu. Emergia de um sono profundo, pensou. Vagarosamente, passou a lembrar-se... A princípio, indescritível pesadelo lhe conturbara o repouso começante. Sofrera, decerto, uma síncope inexplicável. Percebera-se movendo num mundo exótico. Recapitulara, não sabia como, todas as fases de sua curta vida. Voltara no tempo, a ponto de rever o pai chegando morto ao lar, quando

contava somente dois anos de idade. Depois, registrara a impressão de tremendo choque. Algo como que se lhe desabotoara no cérebro e vira-se flutuar sobre o próprio corpo adormecido... Logo após, o sono invencível. Por que não via, ali, junto do leito, algum familiar? Tentou sentar-se e conseguiu. Inspecionou o ambiente, constatando diferenças. Bocejou, distendeu os braços e *não se surpreendeu com qualquer dor.* Recuperara-se enfim, refletiu alegre. Sentia fome. Buscou a campainha e apertou o botão. Uma senhora de semblante doce apareceu. (Ev)‘Posso rogar-lhe chamar meu marido?’ / ‘Antes, informarei o médico sobre suas melhoras. Chame-me Irmã Isa. A senhora passou por longa cirurgia, precisa descansar, refazer-se...’ / Um homem de branco entrou, calmo. Examinou-a e sorriu satisfeito: --‘A senhora está melhor, muito melhor; entretanto, ainda *está sob rigorosa assistência de ordem mental.* Recordações muito ativas da moléstia que sofreu podem fazer reaparecerem os sintomas. Pense nisso. Não lhe convém, por agora, recolocar-se entre os seus. Coopere...’ / Evelina resignou-se. Devia ser reconhecida aos que lhe haviam granjeado a bênção da nova situação. Pediu algo para ler, algum volume em que pudesse colher ensinamentos de Cristo. A atendente lhe trouxe o Novo Testamento. / Restituída à solidão, começou a ler o Sermão da Montanha. Porém, meditava: ‘Por que simples lembranças lhe imporiam retorno aos padecimentos? E se reconstituísse em espírito a presença de Caio e dos pais?’ Confiou-se a semelhante exercício e, logo, a crise ocorreu, agigantando-se-lhe em momentos rápidos. Atônita, premiu a campainha e a atendente e o médico reapareceram, administrando-lhe sedativos. A doente lhes leu no olhar a convicção de que haviam compreendido: experimentara em si mesma a mentalização inconveniente. O médico agiu com energia; forneceu instruções severas à companheira de serviço, depois de aplicar injeção calmante à senhora Serpa, em determinada região da cabeça. Recomendou que dormisse, controlada por anestésicos. / Evelina acordou de pesado sono, muitas horas após, e lhe deram caldo quente e reconfortante, que lhe calhou gostosamente ao paladar, à feição de néctar. // Finda uma semana em descanso absoluto, passou a caminhar no quarto. Assinalava em si mesma inequívocas diferenças. Os pés, mais leves, qual se o corpo houvesse diminuído de peso; no cérebro, as idéias lhe nasciam em torrente, vigorosas e belas, quase a se materializarem diante dos olhos. Abeirou-se da janela que dava para um pátio enorme e contemplou dezenas de pessoas que conversavam alegremente. Aquela sociedade serena atraiu-a. Tinha sede de convivência. / Consultou a enfermeira se lhe era concedido descer, travar conhecimento com alguém. A serviçal escorou-a nos braços, para a descida. Deixada a sós, fitou os rostos que a rodeavam. Figuraram-se-lhe pessoas desconhecidas entre si, qual acontece num balneário. Pensava estabelecer contato com alguém, quando viu um homem que a fitava, assombrado. ‘Oh! mas não era Ernesto Fantini, o improvisado amigo das termas?’ (Er)‘Evelina!... Dona Evelina!... Estarei realmente vendo a senhora?’ / ‘Eu mesma!’ / E ambos se entregaram à emotividade daquele minuto

inesquecível.

6. Entendimento fraternal

(Ev) ‘Há quantos dias aqui?’ / ‘Não sei. Tenho matutado naquele nosso entendimento de Poços de Caldas, acalentando a esperança de revê-la.’ / Evelina confidenciou a perplexidade em que vivia. E salientou, sorrindo, que *tivera a impressão de morrer...* Quanto tempo desacordada? Ignorava... Andava intrigada com o mistério que a administração fazia, de vez que não obtivera permissão para telefonar ao marido. // Flores embalsamavam o ar, extremamente diáfano, com perfume delicioso. Fantini mostrou estranho brilho no olhar e concordou com Evelina. Revelou que também *sofrera esquisita fuga de si mesmo. Registrara o mesmo fenômeno de retrospectão, com lembranças até dos dias da infância...* Depois, dormira pesadamente. Achava-se inquieto. Deixara a família em meio a agoniada expectativa, sem que lhe fosse facultado qualquer recurso de comunicação com os parentes. Reconhecia que o estabelecimento de saúde não era o mesmo onde se internara. Chegava a duvidar que estivesse em São Paulo... *O firmamento parecia-lhe um tanto diverso à noite e a piscina de que se servia continha água tenuíssima.* (Er) ‘A senhora já foi às termas?’ / ‘Ainda não.’ / ‘Verificará minha surpresa quando for lá. Já ouvi dizer que a hidroterapia aqui é obrigatória. Sabe da hipótese mais razoável? Desconfio que nos achamos numa organização psiquiátrica. Os problemas da supra-renal nos transtornaram a cabeça, teremos talvez enlouquecido... *Você verá os aparelhos engraçados com que nos aplicam raios à cabeça, antes do banho medicinal. Sinto-me mais lúcido e mais leve, sempre mais leve...* Entretanto, aflito por notícias dos meus, voltei a sentir crises agudas. Ainda ontem, renovei a reclamação de sempre e a enfermeira respondeu: -- ‘Irmão Fantini, esteja tranqüilo. Seus familiares estão informados da sua ausência. Sabem que não podem aguardar tão cedo a sua presença em casa. Por enquanto é tudo que lhe posso dizer.’ / ‘Evelina, quando você entrou na crise terrível de que me fala, ter-se-á confessado antes?’ / ‘Por quê, meu amigo? confessei-me antes de desmaiar.’ / ‘Pergunto por perguntar. Lembrei-me que você tem uma religião e de que ainda sou um homem sem fé...’ // Ao lado deles, uma jovem se rojou ao chão, em acesso de histeria, gritando: -- ‘Não!... Não posso mais!... Quero minha casa!... Onde está minha mãe? Abram as portas! A polícia!... Chamem a polícia!...’ / Tratava-se evidentemente de um caso de loucura. Uma senhora, irradiando paciência e bondade, com insígnias de enfermeira, surgiu de chofre e abraçou maternalmente a menina revoltada, dizendo-lhe: -- ‘Filha, quem lhe disse que não voltará para casa? que não reverá sua mãe? Nossas portas jazem abertas... Venha comigo!...’ / A jovem suspirou mais asserenada: -- ‘Ah! irmã, perdoe-me! mas por que não tenho notícias?!...’ / ‘Você as terá... Por agora, vamos ao repouso!...’ // Evelina e Ernesto contemplaram o quadro entre aflitos e magoados. Em ambos, a sede de esclarecimentos. Que hospital era

aquele? Evelina abeirou-se de uma senhora simpática, cujos cabelos grisalhos lhe recordavam a cabeleira materna e assuntou: --‘Sabe onde estamos? em que instituto?’ / A matrona cochichou: --‘A senhora e o senhor não sabem? Pois *alguém já me disse que estamos todos mortos*, que já não somos habitantes da Terra...’ / Evelina cambaleou, prestes a desfalecer. / A desconhecida estendeu-lhe os braços e recomendou: --‘Minha filha, contenha-se. Temos aqui dura disciplina. Se mostrar sinal de fraqueza ou rebeldia, não sei quando voltará a esse pátio...’ / Ernesto recomendou repouso e rumaram os três para largo assento próximo, onde passaram a descansar.

7. Informações de Alzira

A nova amiga manifestava a intenção de despistar: --‘Sou **Alzira Campos (Al)** e moro em São Paulo. Há quase dois meses espero alta. A Irmã **Letícia** avisou-me anteontem que não está longe o dia em que me será possível decidir, relativamente a permanecer aqui ou não... E disse, gentil, apenas: Você compreenderá melhor mais tarde...’ (Er)‘A senhora não acredita que estamos numa organização de saúde mental, num asilo de loucos?’ (Al)‘Antes de abordar assuntos tão graves, *peçamos para nossa amiga um tônico adequado.*’ / Premiu diminuto botão e logo surgiu um rapaz de serviço, a quem encomendou refresco para três. / Num átimo, o portador trazia taças com róseo líquido aromatizado em safirina bandeja. (Al) ‘É o melhor refrigerante, porque *tem pretensões a sedativo.* [*O inesperado reconstituente lhe revigorou as forças*, pois Evelina sentiu-se bem melhor.] A princípio, também pensei que estivesse sob assistência especializada, do ponto de vista da mente. Notem que *nos sentimos aqui de pensamento mais leve e a cabeça sempre mais clara por dentro. As idéias fluem com tanta ligeireza e espontaneidade que parecem tomar corpo, junto de nós.* Concordo que nossa vida espiritual é diferente daquela que desfrutávamos. Mas, não creio estejamos num manicômio. Certamente, já sabem que estamos rodeados por vida cidadina muito intensa. Residências, escolas, templos, indústrias, veículos, entretenimentos públicos...’ (Ev/Er)‘Quê?...’ / ‘*Isto aqui é uma cidade relativamente grande: uns 100.000 habitantes*, com administração das melhores.’ (Er)‘Já se afastou destes muros?’ / ‘Visitei uma família, numa excursão deliciosa, não fosse o pasmo de que me vi tomada... *A cidade é linda. Edifícios talhados em jade, cristal e lápis-lazuli. Arquitetura original. Jardins encantadores.* Caminhei fascinada de rua em rua. O irmão **Nicomedes**, dono da casa, acolheu-nos com gentileza e apresentou-nos a filha **Corina**, com quem logo simpatizei. Íntima de uma das amigas que eu seguia, mostrou-nos lustres novos, telas e vasos soberbos... Tudo ia num crescendo de doces surpresas para mim, quando surgiu a bomba... Achávamo-nos no terraço, ouvindo o “Sonho de Amor”, de Liszt, tocado ao piano pelo anfitrião, quando comentei: Ele toca como quem ora! Ao que Corina respondeu: Estamos muito felizes, minha mãe deverá chegar esta semana. / Está de viagem? / *Minha mãe virá da Terra.* / Ao

ouvir isso, experimentei terrível choque. Vi-me prestes a desmaiar. *Sentaram-me numa poltrona semelhante ao mármore, cujo espaldar tateei com força e, ao verificar a dureza do material sob minha mãos, comecei a tranquilizar-me... Olhei para o céu e vi a lua cheia fulgindo com tanta beleza, que me asserenei de todo.* E pensei: Por que não pode haver uma cidade, ou vila de nome Terra? Nada mais se comentou e a visita foi encerrada.’ / ‘Não trocou idéias com mais ninguém?’ / ‘Ouço uma ou outra companheira. Há dúvidas pairando, mas a maioria supõe que nos vemos defrontados por outra vida... Unicamente a senhora **Tamburini (Ta)** se mostra convencida de que não mais nos situamos no domicílio terrestre. Contou-me que se sujeitou a testes que lhe deram a confirmação de não mais estar de posse do corpo físico. Acabou convidando-me para algumas experiências, mas agradei a gentileza. *Essas histórias de clarividências e reencarnações não se afinam com a minha fé católica.*’ (Ev) ‘Ah! a senhora é católica! Não temos aqui sacerdotes?’ / ‘Sim. Estou convidada a visitar uma igreja, porém devo dizer-lhe que tenho informações de que os padres são muito diferentes nestas paragens...’

8. Encontro de cultura

Quinze dias transcorridos, ambos já haviam entrado em contato com a senhora Tamburini, culta e prestimosa criatura, que lhes prometeu conduzi-los ao *Instituto de Ciências do Espírito*, que funcionava num dos recantos do grande jardim. No ‘tête-à-tête’ quase diário, solicitava-lhes maior reflexão em torno da matéria, a escalonar-se em diversos graus de condensação, e mais amplo exame das percepções da mente; rogava-lhes estudar neles próprios a extrema leveza de que se viam possuídos, a agilidade do corpo sutil que envergavam agora e a maneira singular em que se exprimiam os pensamentos, como se as idéias se lhe esguichassem do cérebro, em forma de imagens. Que examinassem as ocorrências telepáticas, ali fenômeno corriqueiro, apesar de não prescindirem da linguagem articulada. Bastava maior afinidade para que as pessoas se entendessem, com o mínimo de palavras. // Evelina e Ernesto, apesar do respeito que sentiam pela senhora Tamburini, não aceitavam como verdade incontestada o fato de serem criaturas desencarnadas. E dialogavam sempre, sobre o tema. (Ev) ‘Mas seria este o Mundo Espiritual, se a matéria e a natureza estão presentes em tudo, como nesta árvore ou nos cravos daquele canteiro? Se estamos mortos, por que não nos vieram buscar os seres queridos que nos precederam?’ (Er) ‘E quem disse a você que eles já não terão vindo?’ / ‘Como?’ / ‘É provável estejamos sendo vistos e ouvidos, sem que tenhamos despertado ainda a faculdade precisa de escutar e enxergar neste plano. Que contas já nos foram apresentadas neste hospital? “Quem paga?”’ / ‘Já indaguei. Responderam: “Aqueles que vos amam.”’ // Tamburini os leva ao encontro de cultura espiritual e os apresenta ao mentor em serviço, o Irmão **Cláudio (Cl)**. Reunida a turma, explica ele que a aula será dialogada e diz que o tema será “Da

existência na Terra”. (Cl)‘*Quem de nós, na atualidade de nossos conhecimentos incompletos, conseguirá deitar sabedoria, tão só pelo testemunho das impressões pessoais? A matéria se dissolve num misto de elétrons, prótons, nêutrons e dêuterons, encerrando-se em energia e luz. De que maneira dogmatizar sobre causas, processos, acrisolamento e finalidade de nossa existência terrestre, pelos acanhados recursos dos sentidos comuns? A vida na Terra deve ser interpretada como um trabalho especial para o Espírito. Cada qual nasce para uma determinada tarefa. Não será possível arrebatá-la às criaturas os princípios religiosos de que dispõem, sem prejuízos calamitosos para elas próprias. A fé sustentará o homem nas realizações e provas. O Espírito renasce no plano físico, tantas vezes quantas se façam necessárias para aperfeiçoar-se, lucificar-se. À medida que se aprimora, vai percebendo que a existência carnal é um ofício ou missão, de que dará conta ao término [O explicador pretendia indubitavelmente preparar os ouvintes para a aceitação pacífica do novo estado espiritual a que se haviam transferido.]. Estaríamos desprezados por Deus, quando ultrapassamos as fronteiras da morte? Conservar-se-ia o Senhor indiferente aos nossos destinos, em algum lugar do Universo?’ (Ev)‘Irmão Cláudio, todas as pessoas registrarão sensações iguais entre si, depois da morte?’ / ‘Não. Cada qual de nós é um mundo por si e cada individualidade encontrará emoções, lugares, pessoas, afinidades e oportunidades, conforme desempenhou os deveres que lhe competiam na Terra. Ninguém pode conhecer o que não estuda, nem reter qualidades que não adquiriu.’ // Ao término da tertúlia, Ernesto e Evelina estavam reconfortados e felizes.*

9. Irmão Cláudio

Finda a aula, demoraram-se em companhia de Cláudio, que os recebeu carinhosamente na intimidade. (Er)‘Temos escutado a afirmativa de que somos mortos em recuperação num ambiente que não mais pertence aos homens de carne e osso... A princípio, rimo-nos francamente, categorizando isso à conta de tolice; entretanto, as opiniões se avolumam. Que nos diz, professor?’ (Cl)‘Estarão vocês em condições de acreditar em minha palavra, se lhes ratificar a notícia de que *respiramos em plena Esfera Espiritual?*’ (Ev)‘Mas, professor...’ / ‘Entendo, a senhora opõe firme recusa mental à verdade, à vista de suas convicções religiosas... Porém, tenho a obrigação de assegurar-lhes que não mais pisamos a Terra.’ / ‘Mas, conhecemos o mundo, guardando a certeza de permanecer sobre bases de matéria sólida...’ / ‘Porém, lá como aqui, sabemos muito pouco acerca do mundo em que vivemos. A matéria densa não é senão a energia radiante condensada. Em última análise, a matéria é luz coagulada, substância divina, que nos sugere a onipresença de Deus. Chame-se a este mundo “outra vida”, “outro lado”, “região extra-física” ou “esfera do Espírito”, estamos num centro de atividade tão material quanto aquele em que

*se movimentam os homens. O mundo terrestre é aquilo que o pensamento do homem faz dele. A matéria se resume a energia. Cá e lá, o que se vê é a projeção temporária de nossas criações mentais... / ‘Então, morrer?!...’ / ‘As incógnitas da vida exterior são as mesmas; entretanto, encontramos neste novo mundo surpresas fascinantes, no estudo e redescoberta de nós mesmos.’ (Er) ‘Todos os mortos estarão em condições idênticas às nossas?’ / ‘Impossível. Cada qual estará em seu grupo e cada grupo em sua comunidade ou faixa de afinidades. Os homens chegam aqui como são... O louco não adquire o juízo, de um dia para outro, o ignorante não obtém sabedoria por osmose. **Depois da morte, somos o que fizemos de nós, na realidade interna, e colocamo-nos em lugar compatível com as possibilidades de recuperação ou com as oportunidades de serviço que venhamos a demonstrar.** Estamos diante de um trabalho imenso...’ / ‘Há tempos, li sobre regiões inferiores, tenebrosas e infelizes...’ / ‘Sim. Ladeando o nosso vilarejo, temos vasto território empregado no asilo de irmãos desajustados, aos milhares, mantidos e vigiados por muitas organizações de beneficência, que trabalham no socorro fraternal.’ (Ev) ‘Mas... se nos achamos num plano espiritual, que dizer das construções sólidas, com que somos defrontados?’ / ‘Nenhum espanto: os edifícios, no mundo dos homens, nascem do pensamento que os esculpe e da matéria que obedece aos projetos elaborados. Aqui verificamos o mesmo, apenas a matéria se evidencia mais maleável à influência da idéia dominante. Também aqui temos as técnicas, as vocações, as competências pessoais e as criações artísticas.’ (Ev) ‘Tudo parece inverossímil.’ / ‘Nada se nos afigura mais inverossímil que a verdade; no entanto, porque preferimos, por muito tempo, a ilusão, em lugar dela, a realidade não deixa de ser o que é.’ / ‘Irmão Cláudio, não posso duvidar de suas afirmações; contudo, desejaria tomar contato com um padre católico, por exemplo... Ficaria feliz se pudesse entregar-me à prática da confissão.’ / ‘A igreja aqui está renovada. Os sacerdotes não a ouviriam em confissão religiosa. Enviá-la-iam a um dos institutos de psiquiatria protetora, em que a irmã pode e deve ter a sua ficha para receber a assistência necessária...’ (Er) ‘Para tratamento?’ / ‘E auxílio. Uma carteira de identificação para serviços de amparo e análise, numa casa de supervisão espiritual, é valioso documento para que não estejamos sem a assistência justa.’ / ‘Oh! esse tipo de confissão me interessa... Se estamos mortos...’ / ‘O seu se demonstra que ambos me consideram contador de histórias inverídicas... São desencarnados com raízes pregadas no chão da Terra; é natural. Aguardemos o tempo.’*

10. Evelina Serpa

Evelina e Ernesto, após ligeiro trajeto pelas ruas da cidade, alcançaram o Instituto de Proteção Espiritual. Acolhidos carinhosamente pelo Instrutor **Ribas (R)**, dedicado à clínica psiquiátrica, sentiam-se tão à vontade como num consultório terrestre. Atendentes à vista. Fichários. Aparelhos diversos para

registro do pensamento. (R) ‘Nada temam. Toda conversação em nosso Instituto está subordinada ao encorajamento e à saúde. Nada de pensamentos negativos. Acompanhe o Irmão **Telmo**. Ficará com ele, enquanto ouço a senhora. Tão logo termine o entendimento inicial com nossa amiga, teremos nosso encontro.’ // ‘Esteja tranqüila. Conversaremos e todos os seus informes serão gravados para estudos posteriores. Funciono aqui quase que na condição de introdutor dos clientes, de vez que os analisados possuem vasta coleção de amigos que lhes examinarão as palavras e reações, de modo a saber o auxílio de que carecem.’ / A um gesto do mentor, grande espelho se fez visível, dando a idéia de que a peça fora ligada ao sistema elétrico. (R) ‘Nossa palestra será filmada. Tranqüilize-se. Por suas respostas e indagações, o Instituto saberá o montante de suas necessidades. Conversemos.’ / ‘Instrutor Ribas, o senhor se referiu a meus “primeiros tempos de vida espiritual”. É verdade que somos Espíritos desencarnados, pessoas que não mais habitam a Terra?’ / ‘Perfeitamente. Sua inadaptação deve-se a falta de preparo na vida física. Sua posição de surpresa é comum à maioria das criaturas, em virtude da ausência de integração com as experiências religiosas a que se afeiçoam.’ / ‘Na condição de católica, deveria eu apresentar um índice mais completo de comunhão com a verdade espiritual, que não estou conseguindo entender?’ / ‘Claramente. Se, em sua existência no corpo denso, pensasse firmemente nos ensinamentos de Jesus, o Divino Mestre que se reergueu do túmulo para demonstração da vida eterna, se meditasse na essência dos ofícios religiosos de sua fé, decerto não experimentaria o assombro que lhe imobiliza os centros de força, apesar da elevação de suas aspirações.’ [Viu-se Evelina transportada ao seu velho templo religioso... Recordou preces, cânticos, novenas, rituais litúrgicos... Como não lhes percebera a função de canais de comunicação com as Forças Divinas? E, ao refletir no Mestre de paciência infinita, entrou em crise de lágrimas, qual se a fé cristã, excelsa e piedosa, lhe exprobrasse o comportamento...] – ‘Oh! meu Deus!... por que precisei morrer para compreender? Por quê, Senhor?’ / ‘A depressão momentânea lhe faz bem. A dor moral nos mede a noção de responsabilidade. Seu sofrimento de espírito, ao recordar-se do Senhor Jesus, evidencia sua confiança nele.’ / ‘Entretanto, Instrutor, não serei conhecida no Mundo Espiritual? não temos, todos nós, guardiães na existência terrestre? / ‘Perfeitamente. Porém, em nossos estudos, a sua versão pessoal é muito importante. Há que promovermos um auto-encontro, no plano da realidade da alma. Por isso lhe peço que rememore, de viva voz, alguns traços da própria história.’ / ‘Minhas memórias principiam ao perder meu pai. Era uma criança tenra... Pouco tempo depois, minha mãe deu-me um padrasto bom e amigo. Aos 12 anos, fui internada num educandário católico, no qual me diplomei para o magistério, sem exercê-lo, pois no baile de formatura me vi requestada por dois rapazes, Túlio Mancini e Caio Serpa. Deixei que meu coração balançasse entre o dois, prometendo fidelidade a ambos... Quando me definia por Caio, Túlio tentou o suicídio. Ao vê-lo salvo, inclinei-me por ele, porém matou-se com um tiro no coração... Casei-me e fui feliz com Caio, até

que vimos frustrado o anseio de possuir um filhinho... Caio procurou nova companheira, o que me amargou a existência...' / *'Chegou a desculpar o esposo infiel e a compadecer-se da rival?'* / *'De modo nenhum. Com Jesus por testemunha, não posso mentir. Nunca pude perdoar a meu marido e nem tolerar a presença da outra em nosso caminho.'* / 'Compreendemos seus sentimentos e podemos encerrar a sessão de hoje. Sua ficha está pronta. A irmã tem difíceis problemas a enfrentar...'

11. Ernesto Fantini

Chegara a vez de Ernesto. (Er)'Posso falar, como se estivesse realmente morto, como me fazem crer?' / 'Fale tudo o que deseje, na convicção de que *a teoria do como se está longe de nós agora. Estamos efetivamente desencarnados, encontrando a nós mesmos...*' / 'Se deixei meu corpo na Terra, sem lembrar-me disso, não é o caso de retomar a memória do tempo em que vivia, na condição de Espírito livre, antes de ter aquele corpo?' / *'A existência no carro físico, além de ser um estágio de aprendizagem ou cura, resgate ou tarefa específica, é um longo mergulho no condicionamento magnético, em que agimos, no mundo, induzidos ao que nos cabe fazer. O livre arbítrio, na esfera da consciência, permanece vivo e intocado, porquanto, em quaisquer posições, a criatura encarnada é independente para escolher os próprios rumos; no entanto, as demais potências da alma, no período da encarnação, jazem orientadas na direção desse ou daquele trabalho, segundo os propósitos que tenha assumido ou sido estrangida a assumir. Isso determina o obscurecimento das memórias pregressas, fenômeno temporário, mais ou menos longo, conforme o grau de evolução que tenha atingido.'* / 'Teríamos sofrido, enquanto no plano físico, uma dilatada hipnose?' / 'Até certo ponto, sim. *A passagem pelo claustro materno, o novo nome, os sete anos de semi-inconsciência no ambiente fluídico dos pais, a recapitulação da meninice, o retorno à juventude e os problemas da madureza estruturam em nós — a individualidade eterna — uma personalidade nova que incorporamos ao nosso patrimônio de experiências. No espaço de tempo que sucede à desencarnação, a memória profunda permanece hermeticamente trancada nos porões do ser. Isso, porém, é transitório. Gradativamente, reaveremos o domínio de nossas reminiscências...*' / 'Quer dizer que aqui sou ainda Ernesto Fantini, largando o estudo de minhas memórias anteriores para depois?' / 'Perfeitamente. *Cada um de nós aqui permanece sob a mesma ficha de identificação. Até que nos promovamos por merecimento próprio a círculos mais altos de sublimação, operaremos em nosso aperfeiçoamento, da internação no berço à libertação para a vida espiritual, e regressando a nova segregação no berço. Entendeu?*' / *Aqui somos então examinados pelo que fomos, nas ações praticadas, no tempo de retaguarda mais próximo de nós...*' / ...'até que as circunstâncias nos indiquem nova imersão em corpo carnal.'

*‘Somos quais éramos, em tudo?’ / ‘Não tanto. Quaisquer sinais morfológicos se modificam na pauta das ordenações mentais, como, aliás, ocorre na própria Terra, na plástica cirúrgica por exemplo.’ / ‘Ouvi falar de mortos cultos, que atravessaram anos atormentados em zonas inferiores, antes de reconquistarem lucidez e tranqüilidade; por que não me ocorreu isso, se sou consciente das culpas que carrego?’ / ‘**O estado de tribulação é pertinente ao Espírito e não ao lugar**. Muitos suportamos tempos difíceis, em paisagens determinadas, que nos refletem as próprias perturbações íntimas. Isso pode perdurar muito tempo, até que nos aceitemos, imperfeitos como ainda somos. Consciências endividadas, enquanto estejamos em desequilíbrio, agravado por nossa rebeldia, orgulho ou desespero, ameaçando a segurança dos outros, permaneceremos internados em faixas do espaço, junto dos que evidenciem conflitos semelhantes.’ / ‘Então, as idéias do castigo de Deus...’ / ‘A Divina Providência nos governa através de leis sábias e imparciais. Cada um de nós pune a si mesmo, nos artigos que haja infringido. **A Justiça Eterna funciona no foro íntimo de cada criatura, determinando que a responsabilidade seja graduada no tamanho do conhecimento...**’ / ‘Como definir o inferno das religiões?’ / ‘O inferno deve ser interpretado na categoria de hospício, onde amargamos as conseqüências de faltas, no fundo, cometidas contra nós mesmos. A área do espaço em que nos demoramos, nessa desoladora situação retrata os quadros mentais infelizes que criamos e projetamos, ao redor de nós.’ / ‘Estou convencido de que não mereço a generosidade com que me acolhem... Transporte comigo doloroso problema de consciência.’ / ‘Uma das funções do Instituto é apoiar os que surgem aqui carreando complexos de culpa. Sua estrutura psicológica imunizou-o contra os delírios de muita gente boa e digna que, às vezes, se obriga a muito tempo nas aflições purgativas, por haverem dado orientação falsa ao amor de que se nutriam. Ainda assim, apesar de sua resistência, o irmão não está seguro contra os resultados de seus atos e deve aprestar-se a fim de ser defrontado por eles...’ / ‘Esclareça-me.’ / ‘Você necessita revestir-se de calma para comparecer diante daqueles que deixou no mundo, de modo a compreender-se e compreendê-los. Depois da desencarnação, carecemos de cursos preparatórios de entendimento, a fim de poder rever os vivos e escutá-los de novo, sem danos para eles e para nós...’ / Com lágrimas a deslizarem-lhe na face, Ernesto ajoelhou-se à frente do benfeitor e gritou: --‘Matei um amigo, há mais de 20 anos, e nunca mais tive paz... Sabia-o no encalço de minha esposa... Alvejei-o, numa caçada a codornas... Diga-me, por Deus, se há remédio para mim!... Esperava encontrar potências infernais que me cobrassem a falta que ocultei à justiça da Terra... entretanto, estou usufruindo uma proteção exterior que me agrava o tormento íntimo!... Oh! que será de mim, que não mais consigo suportar a mim mesmo?’ / O Instrutor acolheu-o no regaço paternal e consolou-o: --‘Asserena-te, meu filho!... Somos Espíritos eternos e Deus, nosso Pai, não nos deixará sem arrimo. A justiça de*

Deus não vem sem apoio na misericórdia. Confiemos!...

12. Julgamento e amor

Transcorridas algumas semanas, Ernesto e Evelina achavam-se menos bisonhos no ambiente. Sentiam-se cada vez mais vinculados um ao outro. Podiam se movimentar à vontade, na cidade, porém só lhes seria lícito visitar os arredores, onde se acomodavam milhares de Espíritos infelizes, com assistência adequada. *Começavam a experimentar necessidade de serviço.* // Uma noite, *compareceram a um templo para assistirem a uma pregação, sob o título “Julgamento e Amor”.* A senhora Serpa albergava no coração as mais doces reminiscências... O vento brando carregava o perfume de jardins em flor. A Lua era o mesmo espetáculo de majestade e beleza a que se acostumara no mundo. No interior, tudo espontaneidade e harmonia. Na parede, *sob as legendas “Templo da Nova Revelação”, “Casa Consagrada ao Culto de Nosso Senhor Jesus Cristo”, jazia apenas uma tela, recordando o semblante presumível do Divino Mestre.* Evelina mergulhou o coração em prece muda. / Qual se se materializasse na tribuna, um homem, envergando túnica lírial, surgiu e saudou a assembléia, reverente. Dirigiu-se para o Alto, em oração. De seguida, aproximou-se de grande exemplar do Novo Testamento e leu [Mateus, c.7 / v. 1-4]: *“Não julgueis para não serdes julgados, pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, sem notares, porém, a trave que está no teu próprio? Ou, como dirás a teu irmão: ‘deixa-me tirar o argueiro do teu olho’, quando tens a trave no teu?”.* [O pensamento do ministro dele se exteriorizava, em forma de larga auréola de luz, que se lhe alteava da cabeça, elevando-se cada vez mais...] *‘Irmãos, até ontem éramos parte integrante da coletividade humana e acreditávamos no poder de julgar-nos uns aos outros. Imaginávamos adversários e transviados quantos não pensassem por nossos princípios. Todos somos consciências deficitárias perante a Lei. Apenas o Senhor dispõe de recursos para avaliar-nos. O que tenhamos sido no imo do sentimento, enquanto na existência no corpo físico, somos aqui.* *Muitos de vós carregais ainda hábitos e enganos da experiência carnal... Vossos palácios ou casebres, títulos convencionais ou qualificações pejorativas, todos os condicionamentos mentais, que vos centralizavam na idéia de direitos supostos ou imaginários, desapareceram no dia em que os homens vos impuseram ao nome um atestado de óbito, senhoreando-vos os patrimônios, para, depois, varrer-vos do pensamento... A Divina Providência não pergunta o que fostes, porque nos conhece em qualquer tempo... Entretanto, é justo investigue sobre o que fizestes dos tesouros do tempo, concedido a todos em parcelas iguais... Sábios, em que aplicastes os dotes do conhecimento superior? Ignorantes, onde colocáveis o talento das horas? Ricos, em que trabalho dignificastes o dinheiro? Que realizastes, irmãos*

*destituídos de reservas douradas, com as oportunidades de paciência e serviço, compreensão e humildade? Em que boas obras convertestes o clarão de vosso entendimento? Não vos iludais!... **Trouxestes para cá o que efetuastes a vós mesmos... Aprendestes o que estudastes, mostrais o que fizestes, entesourais o que distribuístes!...** Todos os disfarces que encobriam a individualidade real no mundo se extinguem, expondo à vista a esfera íntima: não há mais recurso à dissimulação! Patenteando o que somos e o que temos, nos recessos do ser, terá chegado para cada um de nós a hora do julgamento. Quantos, porém, desprezarem as sublimes oportunidades do tempo, no clima de recomposição a que nos acolhemos agora, decerto que, por eles mesmos, recuarão para os distritos vizinhos, onde se afinam os agentes da perturbação e das trevas, até que, fatigados de rebeldia, roguem a dádiva de reencarnações de sofrimento regenerativo... Irmãos, não obstante desencarnados, é preciso reconhecermos que as ocasiões de trabalho e progresso, retificação e aprendizagem não chegaram a termo!... Aceitemo-nos quais somos, reconheçamos o montante de nossas dívidas e coloquemos mãos fiéis no arado do serviço ao próximo, sem olhar para trás... Todo um apostolado de renúncia construtiva, abnegação, carinho e entendimento se descortina para a maioria de vós outros, no lar terrestre, onde quase todos estais ainda vinculados de pensamento e coração... Além disso, estamos cercados de companheiros dementados, a nos pedirem amor e paciência para que se refaçam!... **Caridade, meus irmãos!... Amor para com o próximo!...** O serviço de alguns dias pode endossar-nos valioso empréstimo de energias e meios para as empresas de recuperação e elevação que nos requisitam o esforço de muitos anos. Oremos, suplicando ao Senhor nos inspire.’ / Calou-se o sacerdote em prece muda. Do teto pendiam estrias de safirina luz, quais pétalas minúsculas que se desfaziam ao tocar a cabeça dos presentes...*

13. Tarefas novas

Fundamente sensibilizados com as apreciações ouvidas, Evelina e Ernesto solicitaram admissão à *caravana socorrista* que o Irmão Cláudio presidia, *em visita semanal à região dos companheiros perturbados e sofredores.* / A equipe descia na direção de vale extensíssimo, destinando-se naquele dia ao culto do Evangelho no lar de **Ambrósio** e **Priscila**, casal que desempenhava o encargo de guardiães, dentre os muitos sediados na fronteira que assinala os pontos iniciais da zona conflagrada pelas projeções mentais dos irmãos em desequilíbrio. Densa névoa barrava a província em toda a linha divisória. Pela primeira vez, enxergaram nos céus máquinas voadoras que se dirigiam da cidade para o território sombrio. (CI) ‘São aparelhos em que viajam comissões em tarefas de identificação e assistência. Imaginem um deserto planetário, marginado por cidades ordeiras e prósperas, e terão idéia do que ocorre aqui.’ / ‘Esses viajantes não poderiam usar o poder de volitação?’ / ‘Tudo na vida se rege por leis. Um

pássaro possui asas e foge do campo incendiado, por não suportar a cortina de fumo. Achamo-nos à frente de perigosa extensão, habitada por criaturas rebeldes que constróem, à custa dos pensamentos em desvario, o ambiente desolado que se nos impõe à vista: uma verdadeira floresta de fluidos condensados, retratando, nas mais estranhas edificações, idéias e manias, ambições e caprichos, remorsos e penitências dos moradores. Temos aí, nessa faixa umbralina, todo um estado anárquico, em que o individualismo se desborda na hipertrofia da liberdade, sem os constrangimentos benéficos da disciplina, que nos faz realmente livres pela voluntária sujeição aos dispositivos das Leis de Deus.’ (Er) ‘E por que Deus permite a formação desses quistos?’ / ‘O Criador exige sejam as criaturas deixadas livres para escolherem o caminho de evolução que melhor lhes pareça. Quer que todos os seus filhos tenham a própria individualidade, creiam nele como possam. Somente exige, e com rigor, que a justiça seja cumprida e respeitada. “A cada um será dado segundo as suas obras.” Todos receberemos, nas Leis da Vida, o que fizermos, pelo que fizermos, quanto fizermos e como fizermos. O prejuízo ao próximo, a ofensa aos outros, a criminalidade e a ingratidão colhem dolorosos e inevitáveis reajustes, na pauta dos princípios de causa e efeito que impõem amargas penas aos infratores.’ // Atingindo a orla escura da esquisita povoação, surgiam criaturas andrajosas, alheadas. Algumas davam idéia de que o orgulho ou a indiferença tornavam-nas espiritualmente distantes, outras entremostravam ironia e desprezo na mímica escarnecedora. (Cl) ‘De modo geral, os milhares de irmãos que se abrigam nestas paragens não se aceitam como são. Habituarão-se de tal maneira às simulações da experiência física, que se declaram ofendidos pela verdade. Não se conformam com a supressão dos enganos e privilégios imaginários de que se alimentavam... Rebelam-se contra a luz do Mundo Espiritual que nos expõe à mostra a natureza autêntica. Aí, na penumbra criada pela força mental que lhes é própria, dão pasto às manifestações da paranóia a que todos se afeiçoam, entregando-se, em muitos casos, a lastimáveis paixões que procuram debalde saciar, até as raias da loucura... Já visitei sítios muito longe de nós, cidades, vilarejos, em cujo seio Espíritos de inteligência cultivada e vigorosa, mas pervertidos, dominam enormes comunidades de Espíritos menos hábeis, contudo, tão pervertidos, quanto eles mesmos... Dizemos ‘pervertidos’ apenas para qualificar, pois os consideramos enfermos, como os alienados mentais de qualquer hospício. E saibamos, com entranhado respeito, que numerosas pessoas, amadas de companheiros transviados, aí residem por mero devotamento... Esses paladinos da bondade e da paciência parecem escravizados aos infelizes que amam; entretanto, pela cátedra do sacrifício, da humildade que desposam, acabam conseguindo prodígios pela força irresistível do exemplo.’ / A casa de Ambrósio já se debuxava a distância, quando Ernesto inquiriu: --‘São muitos os resgatados pela dedicação dos que os tutelam nestes lugares?’ (Cl) ‘Todos os dias, chegam às nossas casa de reajuste magotes dos que aspiram a renovar-

se.’ / ‘E permanecem na cidade, indefinidamente?’ / ‘Isso não. Com poucas variantes, demoram-se conosco apenas o tempo preciso ao exame da nova reencarnação. Entre o cansaço da erraticidade nas sombras da mente e o terror da luz espiritual, que confessam não suportar, suplicam nova internação na armadura física, via de regra junto daqueles que se lhes fizeram cúmplices nos desvarios do pretérito ou que se lhes afinam com o tipo de débitos ou resgates conseqüentes. Imploram medidas contra eles mesmos, seja na escolha do ambiente doméstico, seja no futuro corpo, que desejam bloqueado em determinadas funções, prevenindo-se contra tendências inferiores que lhes facilitaram a queda...’ / **‘Pedem certas cassações em desfavor deles mesmos?’** / **‘Sim,** cassações. Em vista disso, encontramos na Terra grandes talentos frustrados, inteligências vigorosas barradas na obtenção de louros acadêmicos, em dolorosa subalternidade, em que entesouram humildade e equilíbrio, paz e moderação; defeitos físicos e inibições; mulheres jungidas a corpos que lhes deprimem a apresentação; homens hábeis e enérgicos, carregando frustrações insidiosas e ocultas...’ // Ambrósio e Priscila aguardavam os peregrinos fora das portas. Abraços, saudações, bênçãos, alegrias. O serviço religioso no lar se revestiu das características do Evangelho em casa, nos domicílios cristãos. 22 entidades tinham vindo do grande nevoeiro próximo, a fim de ouvirem a palavra do Irmão Cláudio. Notava-se a orientação espírita-cristã, portadora da interpretação respeitosa, mas livre, dos ensinamentos do Senhor. Na fase final, passes de reconforto e mensagens de esclarecimento, advertência e ternura. A equipe se dedicava a conversação edificante, às despedidas, quando, emergindo da névoa, compacto grupo de Espíritos dementados e zombeteiros apareceu, com impropérios, vaias e ditos chulos. (Cl) ‘Não se aflijam. A ocorrência é normal...’ / Quando a malta avançou sobre o grupo fraterno, Cláudio, evidentemente em oração, ergueu a destra e um fio de luz cortou o pequeno espaço que isolava os agressores. A chusma estacou, aterrada. Alguns caíram ao solo, como que traumatizados por força incoercível, outros resistiram vomitando injúrias, ao passo que outros ainda fugiam em debandada... Todavia, um deles, muito jovem, bradou com acento inesquecível: --Evelina!... Evelina!... É você aqui?... Oh! estou vivo, estamos vivos!... Quero Jesus!... Socorro! Quero Jesus!...’ / Cláudio aquiesceu, compadecido: --‘Vinde!...’ / O moço arrancou-se da quadrilha e, em poucos momentos, a senhora Serpa tinha diante de si Túlio Mancini, que teria descambado no suicídio por sua causa.

14. Novos rumos

Evelina, extática, não conseguiu articular palavra. Depois de passes reconfortantes, o rapaz foi abrigado no lar de Ambrósio, até que se lhe providenciasse hospitalização conveniente. Cláudio notificou a Fantini e à senhora Serpa a possibilidade de reverem o amigo no dia seguinte. / A sós com a companheira, Ernesto meditava: ‘Não era Túlio *um suicida?* Acreditava

estivessem eles agoniados em duras penalidades. Por que motivo escapara Mancini às corrigendas, pervagando à vontade, entre Espíritos rebeldes e vagabundos? Porém, discreto e generoso, dirigiu-se a ela com calma e otimismo: --‘Se alguma dúvida nos restava sobre a morte de nossos corpos físicos, já não nos é possível qualquer incerteza... Túlio será talvez para nós o começo de novos rumos... Acaso, não temos solicitado trabalho? Lembro declaração filosófica de velho companheiro: “convivei e purificai-vos”. **Precisamos, como nunca, de burilamento moral.** // Alguns dias após, reavistaram o rapaz. Evelina sentia-se tomada de surpresa: Aquele era um Túlio Mancini diferente, cujos olhos denunciavam sentimentos estranhos. *Nem a ela, nem a Fantini passavam despercebidos os propósitos enfermiços a lhe nascerem, à frente dos dois, sem que o moço se soubesse intimamente visto e analisado. Sem qualquer impulso intencional, permutavam ambos impressões, telepaticamente, reconhecendo que lhes era possível conversar pelo idioma do pensamento. Guardavam a convicção de ler na alma de Túlio, como num livro aberto.* (Ev)‘O que mais lamentei foi sua atitude, atirando contra você mesmo...’ (T)‘Eu? eu?!... pois você não soube? nunca fiz isso!... Caio foi procurar-me, solicitando-me ir com ele ao meu escritório, para uma consulta de Direito Internacional. Lá, sacou um revólver e me alvejou no peito... Desde então, vivo enfermo e revoltado, buscando reaver a saúde para ensinar àquele biltre quanto vale a minha vingança...’ // Um raio, que caísse sobre os três, não teria arrasado o ânimo da senhora Serpa quanto aquela revelação terrível... / Ernesto lhe rogou telepaticamente não fizesse o mínimo esforço por trazer Mancini à realidade, até que pudessem estabelecer planos de socorro ao moço infeliz. / Evelina entendeu e Ernesto pediu licença para afastar-se. Queria pensar, repousar... Ao demais, era natural que os dois tivessem confidências, de coração para coração. Contrafeita, Evelina aquiesceu. Mancini convidou-a a pequeno passeio pelo parque. (T)‘Quem é este velho, que você traz a tiracolo?’ / ‘Amigo distinto, a quem devo inestimáveis favores.’ / ‘Evelina, tenho um mundo de coisas a saber, a ouvir de você: Onde estamos? que fazemos?... Entretanto, prefiro falar de nós dois...’ / Esbarraram num bonito caramanchão e Túlio pediu, implorou fizessem ali uma parada de refazimento. Sozinhos, patenteou ele tamanha expressão de sensualidade no semblante, que a senhora estremeceu. (T)‘Evelina!... Como esperei por este momento... Você e eu, juntos!...’ / Ela não foi totalmente insensível ao apelo afetivo daquele a quem amara, e enterneceu-se. Porém, a consciência vigilante impeliu-a a reajustar-se. Impôs-se fortaleza e serenidade, a cavaleiro de emoções que não se justificavam. (Ev)‘Túlio, contenha-se! Não sabe que desposei Caio, que tenho a responsabilidade de um lar?’ / ‘Diga que me atende! Sei que você não é indiferente ao que sinto! Vamos!...’ [e intentou beijá-la] / ‘Túlio?! Estará você louco? Julga justo atacar-me assim, desrespeitosamente, quando já lhe falei que tenho um marido?’ / ‘Um marido!... aquele crápula!... O povo da terra da liberdade, de onde venho, tem toda razão... Entendo, você agora faz parte dos santos, mas eu não sou mascarado.

Quero você e isso a escandaliza? Você se oculta na capa andrajosa da disciplina... / *‘Não nego a minha fragilidade humana... Não acredita você, porém, que **a disciplina é a melhor maneira de educar-nos e dignificar nossos sentimentos**?’* / *‘Ah! Ah! Ah!... obediência é a camisa-de-força em que os hipócritas metem os simples, mas você mudará de idéia...’* / *A moça, agoniada, confiava-se à oração muda, implorando socorro. O companheiro avançava, mofando... quando alguém bateu à porta. Constrangido, Túlio refez-se e foi atender. Era um auxiliar do Instrutor Ribas e vinha, da parte dele, conduzir Evelina ao Instituto de Proteção Espiritual, para questão urgente. A senhora respirou aliviada e percebeu que sua petição fora ouvida. Túlio, seguido pelo emissário, voltou à casa de reajuste.*

15. Momentos de análise

Evelina e Ernesto ansiavam por esclarecimento, por isso o Instrutor Ribas marcou-lhes encontro. *‘Que significava a perturbação do rapaz? Como lograriam auxiliá-lo?’* (R) *‘Vocês já reiteraram pedidos de trabalho espiritual; chegou a hora de começar. Túlio é o marco de início da obra redentora que abraçam. Investiguem os próprios corações. **Onde o amor respira equilíbrio, não há dor de consciência, e não existe dor de consciência sem culpa.**’* (Ev) *‘Diga, Instrutor, tudo que devo fazer!’* / *‘Que sensações foram as suas, a sós com o recém-vindo?’* / *‘Senti-me transportada à juventude, e então...’* / *‘...suas próprias vibrações lhe encorajaram a agressividade afetiva. Seu coração falou sem palavras, provocando o desajuste emocional de Mancini.’* / *‘Oh! meu Deus!’* / *‘Não se aflija. Somos Espíritos endividados, perante as Leis Divinas, situados na faixa de transição do amor narcisista para o amor desinteressado. **Temos teorias de santificação para o sentimento, mas, na essência, somos, na prática, simples iniciantes.** Na esfera dos pensamentos nobres, assimilamos o influxo dos Planos Gloriosos; todavia, no campo dos impulsos inferiores, carregamos ainda o fardo de desejos deprimentes, que se constituem vigorosos apelos à retaguarda.’* (Er) *‘Quer dizer que o homem terrestre...’* / *‘...é um ser de inteligência refinada, oscilante entre animalidade e humanização, conquanto algumas criaturas já se encaminham da humanidade para a angelitude. A maioria de nós nos achamos em trânsito da poligamia para a monogamia. **Daí o impositivo de vigilância sobre nós mesmos.** Ninguém atingirá o porto da dignidade espontânea, sem viajar, por longo tempo, nas correntes da vida, aprendendo a manejar o leme da disciplina. Saibamos debitar a nós próprios os erros que perpetramos, no tocante aos valores afetivos, a fim de saná-los ou resgatá-los em momento oportuno. Você, Evelina, poderá pagar seu débito para com Túlio, auxiliando-o a limpar as próprias emoções, como se purificam as águas de um poço barrento. **Nada de precipitação, nem de violência. Forçoso aceitar-nos tais quais somos e facear os problemas que advenham dos nossos desacertos.**’* / Consultando uma ficha, Ribas confirmou que Mancini

efetivamente perdera o corpo físico pela ação delituosa de Serpa. (R)‘Podemos dizer-lhe que, por seus méritos indiscutíveis, benfeitores e amigos de que dispõe na Espiritualidade Maior obtiveram da Divina Justiça que você iniciasse, na Terra mesmo, o processo de sua reabilitação espiritual... Assim é que, através da onda mental dos remorsos que lhe ficaram, à face do suposto suicídio de Mancini, você atraiu para o próprio claustro materno um irmão suicida, sentenciado à provação de um corpo frustrado. As angústias da maternidade malograda lhe foram extremamente úteis, pelo ensejo a preciosas reparações...’ (Er)‘Mas Túlio morreu pela arma do rival, não caiu por si próprio...’ / ‘Apesar disso, empreendeu a lamentável tentativa, impulsionado pela ação de Evelina, dando a Serpa o molde do crime. Estamos examinando a lei de causa e efeito. Compreendamos que a justiça funciona em nós mesmos. Somos impelidos para pessoas e circunstâncias que se afinem conosco ou com os nossos problemas. Você não pagou em Túlio o débito em que se viu incursa, mas resgatou essa conta, junto a suicida anônimo, redimindo-se no foro íntimo. Cumpre-se a Eterna Justiça no mundo de cada um de nós. Deus não nos condena, nem nos absolve. O destino é a soma de nossos próprios atos, com resultados certos. Recolhemos da vida exatamente o que lhe damos de nós.’ (Ev)‘E agora?’ / ‘As circunstâncias trouxeram-lhe o credor ao ambiente pessoal, porque você está felizmente em posição de prosseguir no trabalho restaurador. Chegou o momento de ajudar Mancini a desvencilhar-se das idéias enfermias que a sua conduta de moça menos responsável lhe instalou na cabeça.’ / ‘Não posso desempenhar, junto dele, o papel de companheira...’ / ‘A lei de amor deve efetivar-se, independentemente das formas em que o amor se expresse. Você pode regenerar o campo emotivo de Túlio e sublimar os seus próprios sentimentos em relação a ele, amparando-o e instruindo-o no grau de mentora maternal. Quase sempre, a recuperação de alguém é uma planta sublime da alma que somente vinga porque a abnegação de outro alguém se dispõe a adubá-la, com a proteção da ternura e com o orvalho das lágrimas...’

16. Trabalho renovador

Vida nova começou para os dois amigos. Indispensável auxiliar Túlio, renová-lo. Para isso, matricularam-se em colégio de estudos preparatórios de mais altas ciências do espírito: evangelização, reforma íntima, sintonia mental, afeição, agressividade, autocontrole, obsessão, reencarnação. Competia a Evelina o esforço mais grave: desfazer-lhe na mente o quisto de ilusões que ela própria criara. / O jovem Mancini se achava *recluso em solitária dependência de material isolante a vibrações suscetíveis de agravar-lhe a sede de companhias menos nobres.* Acolheu, encantado, a presença da moça. / Os **diálogos terapêuticos** prosseguiram, pontualmente. Apesar disso, Túlio não se

desfixava da paixão que o absorvia. Evelina ouvia pacientemente os remoques e lamentações, aparando-lhe os golpes e podando-lhe as impressões destrutivas. // Por mais solicitassem permissão para visitar a família terrena, obtinham regularmente a mesma resposta dos mentores: “muito cedo”. Reconfortavam-se, por isso, com estudo e trabalho. E confidências... Ernesto falava enternecidamente da esposa **Elisa (EI)** e da filha **Vera Celina (V)**. Entretecia no mágico painel da saudade a imagem das duas. Perdiam-se os dois em conjecturas, prelibando alegrias de reencontro. Sabiam que entre elas e os amados do mundo se levantava agora o muro das vibrações diferentes. Competia-lhes a obrigação de conformidade, perante quaisquer transformações, pois já haviam registrado narrações de mortos que procediam da Terra, descoroçoados e tristes, ante a impossibilidade de serem vistos, ouvidos, tocados... Eles dois, porém, se identificavam otimistas, confiantes. Sentimentais, saudosistas. // Passados seis meses de atenção e doutrinação, a benefício de Túlio, Ribas veio examiná-lo. Reconheceu, porém, que apresentava escasso proveito com as lições recebidas... Apático, denunciava na mente uma idéia central: Evelina. E idéias-satélites: o tiro de Caio, o desejo de vingança, autopiedade. (T)‘Qual, doutor, sem Evelina, nada consigo entender. Se ouço Evangelho, penso que ela é o único anjo capaz de salvar-me...’ (R)‘Meu filho, somos Espíritos eternos. Urge conservar serenidade, paciência... Felicidade é obra do tempo, com a bênção de Deus.’ / O rapaz revidou ácido, irreverente. Não pedira, não aceitava conselhos. Hábil psicólogo, Ribas despediu-se. / À noite, elogiou o trabalho de Evelina, porém terminou dizendo aos amigos: -- ‘Não vejo qualquer interesse para Mancini na permanência aqui. Forçoso envidarmos esforços para que aceite voluntariamente a miniaturização.’[ou restringimento: significa estágio preparatório para nova encarnação] (Ev)‘Renascer? Será preciso tanto?’ / ‘Ele está mentalmente enfermo, traumatizado, angustiado, fixado... O remédio será recomeçar de novo...’

17. Assuntos do coração

Esvaíram-se dez meses. Em entendimento com Ribas, revelaram a aspiração de rever os parentes no plano físico. (R)‘Creio que vocês já estejam em condições satisfatórias para o empreendimento. Dedicam-se pontualmente ao trabalho, conhecem agora o que seja reencarnação, autodisciplina, burilamento próprio...’ (Ev)‘Caro amigo, no auxílio a Túlio, constatei que ele não é o homem que eu desejaria para companheiro... A fome espiritual que me faz pensar na reintegração com Caio significará que ele é realmente o meu amor absoluto?’ / ‘Cada qual de nós possui um caminho próprio. O encontro do amor ideal assemelha-se à procura de ouro nas minas. Sempre que amamos alguém, transformamos esse alguém no espelho de nossos sonhos... Se essa criatura

efetivamente nos reflete a alma, o carinho mútuo cresce cada vez mais. Nessa hipótese, teremos obtido apoio seguro para a subida do acrisolamento moral... Em caso contrário, surgem para nós aquelas posições espirituais que nomeamos por mágoa, desencanto, indiferença, desilusão...' (Er) 'Caminhamos na existência pelas vias da afinidade, de afeição em afeição, até achar aquela afeição inesquecível que se nos levante na vida por chama de amor eterno?' / 'Sim, mas entendendo-se o conceito de afeição, sem a estreiteza do sexo, de vez que a ligação esponsalícia, embora sublime, é apenas uma das manifestações do amor em si. Talvez nossa maior vinculação se dê com o espírito paternal, com o coração materno, com a ternura de um filho. **Em amor, a afinidade é o que conta...**' (Ev) 'E as uniões infelizes?' / 'A **reencarnação é também recapitulação. Muitos casais se reencontram para a consecução de afazeres determinados. Isso exige compreensão, respeito mútuo, trabalho constante, espírito de sacrifício.** Se uma das partes ou ambas se confiam a desentendimento, a obra encetada ou reencetada vem a cair.' / 'A união conjugal pode ser reatada aqui?' / 'Perfeitamente, se os cônjuges realmente se amam. Aquele que ama sinceramente continua trabalhando, neste lado da vida, pelo outro que não lhe guarda na Terra a mesma altura de sentimento, aprimorando a obra do amor em outros aspectos, que não o da afetividade esponsalícia.' / 'Isso não me ocorrerá. Tenho hoje motivos para confiar em Caio, tanto quanto confio em mim mesma.' / 'Sua fé é um retrato da sua sinceridade.' / Ernesto fitou a companheira, admirando-lhe a ternura da alma boa e ingênua. Sentia-se ligado a ela. 'Sob que prisma a estimava? Filha, companheira, mãe, irmã?' (Er) 'Também estou persuadido de que minha esposa espera por mim... Entretanto, se isso não sucede?...' / 'Você desfrutará a possibilidade de auxiliá-la na condição de um amigo fraternal.' / 'Nessa hipótese, **caberm-me-ia o direito de eleger nova companheira na vida nova?'** / 'Os desencarnados guardam insulamento ou não, conforme os propósitos íntimos que alimentem.' (Ev) 'Conhece companheiros que não se consorciaram aqui?' / 'Eu sou um deles. O amor conjugal, quando se exprime em bases de amor puro, continua vibrando no mesmo diapasão entre dois mundos. Minha esposa e eu fomos profundamente unidos. Na dedicação espiritual dela, colho meios de continuar meu aprendizado de amor a todos, ocorrendo-lhe o mesmo.' (Ev) 'Convém cogitar da desencarnação de pessoas queridas, ou é assunto proibido?' / 'Não tanto. À medida que se nos desenvolve a noção de responsabilidade, compreendemos a reencarnação como período de escola. **Cada existência está supervisionada por deliberações superiores, muitas vezes insondáveis para nós.**' / 'Se encontrasse meu esposo triste, saudoso, seria cabível encorajá-lo na certeza de que seremos novamente felizes aqui?' / 'Fuja de refletir assim. Não temos instrumentos para medir a fidelidade dos que amamos e **não saberíamos se a desencarnação lhes traria o remédio adequado. Quem nos dirá que a mais longa demora no corpo não seria desejável? Martelar-lhe a idéia da morte significaria, provavelmente, ajudá-lo a reduzir**

tempo na experiência material...

18. O retorno

Enfim, a volta. Ambos manifestavam o contentamento de crianças em festa. Primeira vinda ao lar, após dois anos. (R) *‘Vocês representam nossa cidade, nossos costumes e princípios, portem-se na base do novo entendimento. Se precisarem de auxílio, comuniquem-se conosco pelo fio mental.’* // Quando o veículo pousou rente à Via Anchieta, o pequeno grupo dispersou-se. Cada excursionista era um anseio itinerante, um mundo vivo de saudades. O dirigente da caravana e responsável pela viatura marcou o regresso para o dia seguinte. / *Nossos amigos respiraram, maravilhados, o vento brando que os saudava.* Evelina indagou, com ternura ingênua, a opinião de Ernesto quanto à sua apresentação. Ele riu-se e elogiou-a. Já pisavam o Ipiranga, onde Evelina esperava encontrar o companheiro. À medida que se avizinhava do ninho antigo, oprimia-se-lhe o peito. Mesclava regozijo com imprevista angústia. (Ev) *‘Ernesto, estou amedrontada, tenho as pernas bambas...’* / *‘Emoção. Recorde nossas lições para Mancini: **abnegação, compreensão, serenidade, paciência...** Estejamos preparados para mudanças...’* / Ambos, entretanto, *encareceram o mérito das idéias positivas...* // Coração aos pulos, Evelina aproximou-se do lar. Penetrou. A sala era a mesma. Os livros em ordem. De inopino, surgiu-lhe à observação um retrato de mulher. Fora substituída, decerto. Sentiu a cólera prestes a explodir em crise de lágrimas; mas, lembrou as palavras do Instrutor: *“portem-se na base do novo entendimento”*. Alcançou o interior: Caio acariciava a moça da foto, num gesto de ternura conhecida... Terríveis calafrios lhe agitaram as fibras da alma. Sentou-se em cadeira próxima, intentando refazer-se. *Fitou os dois, assombrada com a indiferença que revelavam diante dela. Verificava que os sentidos físicos se enquadravam a limites rigidamente determinados, porquanto Caio e a companheira pousavam nela o olhar sem a verem; ela, no entanto, era obrigada a enxergá-los e ouvi-los...* Reconheceu o fio de pérolas, seu presente de noivado, enfeitando o colo da rival. Chorou, irritada. Entretanto, *percebia-se analisada no aproveitamento das lições que aprendera na Vida Maior. Ensinara a Túlio o desapego afetivo e admitiu-se em condições de egoísmo e inconformidade piores que as dele... Recorreu à prece, **diligenciou humilhar-se, lutou contra si própria e, aos poucos, conseguiu acalmar-se,** concluindo que Caio desfrutava do direito de ser feliz como desejasse. Começou a escutar o diálogo que se desdobrava, rente a ela. (C) *‘Vera, você achou em mim um homem pacato e sincero...’* (V) *‘E aquela dama no escritório?’* / *‘Não me venha com ciúmes. Um causídico não seleciona clientes.’* / *‘O telefonema que recebi dessa lambisgóia me deixou arrasada. Não estou agüentando mais...’* [A jovem caiu em pranto. Ele atraiu-a de encontro ao peito, beijou-a e sussurrou-lhe aos ouvidos:] – *‘Tolinha! A felicidade não é flor que se adube com lágrimas. Anime-se! sou seu e você é minha...’* / *‘Se ao menos**

estivéssemos casados...' / 'Bobagem!... já disse que caso com você.' / 'Há quanto tempo espero!' / 'Também eu aguardo solução para o problema de sua casa. Não posso carregar uma sogra louca!...' / 'Não podemos desampará-la...' / 'Meta essa velha num hospício, agora temos que viver a nossa vida... Hoje iremos ao Guarujá, quero ver o negócio por mim mesmo.' // A jovem chorava copiosamente. Evelina cobrou ânimo e arrastou-se para fora. Tinha sede da presença de Ernesto. Na rua, clamou pelo amigo e ao vê-lo *atirou-se-lhe aos braços*, qual criança desarvorada: --'Ah! Ernesto!... Não suporto mais!...' / O companheiro conduziu-a para um banco do pátio, onde escutou a narração do que ocorrera. Ouvindo-a, compartia-lhe a dor... (Er)'Caio é jovem, experimenta as necessidades do homem comum...' / 'Mas a moça que está com ele é a mesma Vera que lhe escrevia bilhetes. A mesma!... Era infiel e prossegue infiel até hoje...' / 'Ribas talvez a tenha impelido à excursão, para que você **aprenda a perdoar** e... quem sabe? Talvez que essa moça... seja a pessoa a quem você deva implorar a graça de ser nova mãe para Túlio. Não admite você que Caio deve restituir-lhe a experiência terrena com a devoção e a ternura de um pai? e que melhor ocasião para exercitar os ensinamentos de Jesus, amando aquela que considera inimiga e transformando-a em instrumento de auxílio, a benefício do homem endividado que você ama?' / 'Oh! Ernesto!... Ernesto!...' // Alguns instantes mais e um carro despontou da garagem, conduzindo o casal. Fantini contemplou a jovem companheira de Caio e fez-se lívido. (Er)'Evelina, escute!... Essa moça... é Vera Celina, minha filha!...'

19. Revisões da vida

Desarvorado, lembrando a casa rústica que possuía na praia, convidou Evelina a tomarem o carro, na poltrona traseira. Amargas conclusões passaram a dominá-lo. Os ocupantes da frente *iniciaram a troca de impressões, até que assinalaram mentalmente a influência dos companheiros invisíveis*. (V)'Às vezes cismo indagando de mim mesma se você não é um apaixonado pela memória de sua esposa...' (C)'Eu? Era o que faltava... ela estava morta para mim, muito antes do atestado de óbito... Queria ser pai. Enquanto não abortou, não lhe vi os defeitos... Era mulher rezadeira e chorona...' / 'E nós, não poderemos sonhar com filhos?' / 'Depende. Criar filhos não é brincadeira. A saúde de sua mãe não me encoraja... Que me diz de seu pai?' / 'Era homem robusto, de saúde impecável.' / 'Teve por você uma afeição especial?' / 'Engana-se. Estimava-me, mas era corretor, ocupadíssimo, quase sem tempo para a casa... Nunca pude contar-lhe nem mesmo os meus problemas de colégio...' / 'Mas, você teve o carinho materno...' / 'Também não. Minha mãe é irritadiça, desanimada... E sempre me pareceu tolerar meu pai, sem amá-lo. Quando ele se foi, queimou-lhe os objetos de estima, nem orações quis por ele... Agora, isola-se, fala sozinha, ri, chora, julgando ver e ouvir os mortos...' / 'Estranha situação!...' // Consolado por Evelina, Ernesto *dava curso às*

*lágrimas. Nem de leve supunha fosse detestado no lar: ‘Teria a jovem razão?’ / O carro fez parada no ponto terminal: casa singela, docemente iluminada dentro da noite. / Fantini instalou Evelina em sítio vizinho, expressando o desejo de consultar, a sós, o ambiente doméstico. Na sala, tudo como deixara. *Pediu forças à Divina Providência. Queria rever a esposa, com distinção e dignidade. **Achava-se ali, não para queixar-se e sim para agradecer, ajudar, querer bem. Ansiava servir.*** // Transpôs o limiar. Jamais faria idéia do quadro que se lhe abriu à visão. Elisa descansava... O corpo magro, o rosto vincado de rugas... No entanto, junto a ela, estirava-se um homem desencarnado, aquele mesmo sobre o qual atirara, desvairado pelo ciúme!... Sim, era **Dedé (D)**, o colega de sua meninice, **Desidério dos Santos**, o assassinado! Motivos ponderosos tinha Ribas, delongando-lhe a volta. Horas antes descobrira na filha a rival de Evelina, e ali, diante dele, ao pé de Elisa, se estendia o inimigo triunfante, dominador... Diligenciou Fantini asserenar-se. O antagonista deitou-lhe um olhar sarcástico, mas, com estupefação para Ernesto, a esposa notou-lhe a presença e desferiu grito terrível: --‘Maldito!... Maldito!... Fora daqui, Tinhoso!... Fora daqui, assassino!... Socorro, Dedé! Sai, Ernesto! Sai! Matador!...’ // Fez-se luz forte e Caio e Vera invadiram a peça, petrificados. (V)‘Mãezinha, que há?’ (El)‘Ah! minha filha!... é seu pai, aquele infeliz!... Não quero vê-lo! Tire-me daqui!’ / Dos olhos tristes de Ernesto o pranto jorrou em maré de angústia. *Chegava na condição de hóspede indesejável, abominado pelos seus...* (Er)‘Elisa! Ouve! eu sempre te amei...’ (El)‘Cala-te, infame! Recuso uma afeição que sempre detestei. Eu era a escrava algemada ao senhor... Sempre te desprezei. Dedé me falou que não passas de um matador! Desde que arrasaste Dedé, passei a gostar dele... Vivíamos juntos aqui, antes de tua morte, e vivemos juntos depois... Dedé está no lugar onde sempre esteve!...’ [Semelhantes declarações foram suplementadas de informes, sobre os quais pede a caridade se faça silêncio. Ernesto chorava, ao passo que o adversário sorria, escarnekedor. Depois, saltou do leito, desferindo brados terríveis...]*

20. Trama desvendada

‘Patife!... Celerado!... Você não se afastará sem contas!...’ (Er)‘Oh! Desidério! estou arrependido, perdoe-me!...’ (D)‘Isso nunca. Vocês me pagarão, ceutil por ceutil... Miseráveis!... a Justiça Divina sou eu mesmo!’ / Ernesto ajoelhou-se diante do vencido de outro tempo, em sinal de humildade... *Em dois anos de meditação e estudo, aprendera que cada Espírito recebe da vida, nas Leis de Deus, segundo as próprias obras. Certificara-se de que criatura alguma logra desertar da própria consciência e que chega invariavelmente para o culpado o dia da expiação e do reajuste.* (D)‘Covarde!... Levante-se para enfrentar as conseqüências de sua falta...’ / ‘Oh! eu não sabia!... *Rogo a Deus me perdoe pelo mal que lhe fiz... Perdoe-me* pelo amor que você tem a Elisa e que Elisa lhe tem!... Ignorava que ela o amasse tanto!... Sou um réprobo, bem o

sinto...’ / ‘Adotando a violência, atirou-me para os braços de sua mulher... Partilhei sua mesa e sua vida... *Você supunha ver-me na tela do remorso, mas via realmente a mim mesmo...* Hoje, chamam-me de Espírito obsessor... que mais posso ser? Sou o empreiteiro de minha própria vingança!...’ / ‘Oh! Deus de Misericórdia, sou o culpado, o único responsável...’ / ‘Não, não!... Você não é o único... você fez o modelo do crime, mas o verdadeiro homicida foi outro... Ignoro a razão, mas tenho o destino entre verdugos!... Você disparou contra mim para afastar-me de sua esposa, e Amâncio, aquele canalha, observando que você errara o alvo, aproveitou a ocasião a fim de eliminar-me e apossar-se da minha esposa!... Amigos tenebrosos, companheiros satânicos... Lembre-se, miserável!... Lembre-se de como vocês dois, cínicos matadores, me eliminaram... Enlouquecido de sofrimento e revolta, recusei os braços de enfermeiros que me buscaram. Já que outra vida me surpreendia, não a desejava senão para a desforra... Amâncio deu-se pressa em desposar Brígida, a moça que eu deixara viúva e inexperiente. Batido à maneira de um cão escorraçado e sem dono, sem a companheira que me retirou da lembrança e sem a filha que devia beijar meu algoz por segundo pai, vagueei pelas estradas de ninguém, entre as maltas das trevas, até que me instalei ao pé de Elisa, cuja silenciosa ternura me chamava, insistentemente... Obsessor, oh! sim... Sou... Mas sou também servidor incondicional de quem leva seu nome e agüentou sua frieza de coração...’ / ‘Oh! Desidério!... Compreendo agora... Perdoe-me!...’ / ‘Brígida concordou em descartar-se de nossa filhinha, situando-a muito cedo em estabelecimento de ensino, onde curtiu a falta dos pais qual enjeitada de berço... O que sofri, Fantini, o que sofri!... Minha infortunada filha encontrou a morte há dois anos. Impelida pelo padrasto, casou-se com um celerado que lhe destruiu todos os sonhos. Como trabalhei para evitar-lhe a comunhão com esse homem covarde... Quando fui vê-la morta, jurei que me vingaria dos três mascarados que a rodeavam: Amâncio, o matador, Brígida, a ingrata, e o detestado genro, cuja presença me enoja!... *Piedosos enfermeiros me informaram que ela fora conduzida a estâncias de repouso e que somente me será concedido reencontrá-la quando sanar as chagas de revolta que trago dentro de mim... Mas isso é impossível!* Pobre filha!... Desposou um criminoso, qual se devesse compartilhar o meu destino de Espírito extraviado... Mas, é preciso que você saiba ainda... Ao notar minha filha abatida e enferma pelos desgostos do lar, o marido lançou-se a novas aventuras e veio a conhecer Vera Celina, sua filha, de cuja afeição se apoderou... Esse bandido está aí dentro... É Caio Serpa... Ah!... Evelina! Minha filha!...’ // Quando Fantini percebeu toda a trama desvendada, sentiu como se o cérebro lhe estalasse de angústia e, embora suplicasse a bênção de Jesus e a proteção de Ribas, correu para matagal próximo, entre gritos dificilmente abafados, e arrojou-se no solo arenoso da ilha...

21. Retorno ao passado

As advertências de Ribas e a presença de Evelina, a curta distância, constrangeram-no ao autocontrole. A exposição de Desidério, franca e livre, abatera-lhe o orgulho; no entanto, clareava-lhe as entranhas do coração para buscar vida nova. Arrastou-se até o local em que a moça o esperava. Entretinha-se ela em amistosa conversação com desencarnados doentes, que visitavam o sítio, sob a vigilância de enfermeiros atentos. Avistando o amigo, foi-lhe ao encontro. (Ev)‘Oh! Ernesto, por que fatigado assim?’ / ‘Ah! Evelina!... somos dos mortos que não tiveram a oração dos vivos... Ai de mim!... Os corações que eu mais amava se fecharam para sempre... Oh! meu Deus!... Você foi vítima da ingratidão, ao passo que recebi a condenação que mereci... Você ganhou o insulto, a mim coube o castigo!...’ / Ernesto ansiava confiar-lhe revelações; todavia, escasseavam-lhe as forças. No entanto, a perplexidade e aflição de ambos se viram atenuadas com a vinda do carro voador, para conduzi-los a São Paulo. Ribas escutara as súplicas do pupilo torturado e expedira ordens de caráter urgente para que os dois tutelados obtivessem cobertura imediata. Evelina escorou o companheiro e *instalou-o no veículo que se alçou a grande altura.* Dele não colhia senão monossílabos... Alguns minutos após, foram os dois internados em departamento de repouso de uma casa espírita-cristã, onde Ernesto começou a receber os cuidados precisos para vencer o trauma de que fora acometido. Convenientemente *amparado, através de recursos magnéticos, acalmou-se sob a assistência da companheira.* (Er)‘Evelina, seu pai tinha o nome de Desidério dos Santos e seu padrasto é Amâncio Terra?’ / ‘Sim. Meu nome é Evelina dos Santos Serpa.’ // Ernesto não vacilou. Compreendeu que devia à jovem senhora uma confissão integral da própria vida. Relatou, em traços ligeiros, o pretérito, cujas cenas se desdobraram, uma por uma... E, por fim, descreveu as ocorrências do retorno ao lar. Evelina viu-se absorvida por extremada compaixão... Contemplou Ernesto e chorou... (Er)‘Você também me acusa?’ / ‘Oh! Ernesto, estimamo-nos sempre mais... Sou eu quem lhe pede perdão por meu pai que tomou sua casa, indevidamente...’ / ‘Não, ele nada furtou... Protegeu a mulher e a filha que desprezei... Tenho hoje a idéia de que só pela vida depois da morte logramos desmanchar os enganos terríveis que acalentamos na existência terrena.’ // O veículo recolheu-os, de retorno. A senhora Serpa ardia em desejos de rever o pai; no entanto, julgaram prudente não fazê-lo sem preparação. Na viagem, debateram *temas fundamentais da existência, como o amor, a reencarnação, o lar, o imperativo do sofrimento...* // Reinstalados na estância em que se domiciliavam, continuaram sonhando o futuro... Juntos conversavam. Juntos planeavam. Não seria desejável o renascimento de Túlio, entre Caio e Vera, cujo matrimônio lhes competia favorecer? Não convinha aproximar Amâncio de Desidério, a fim de que lhes fosse concedido transfigurar aversão em simpatia e discórdia em união? Sonhavam. Sonhavam. / Dez dias após o regresso, solicitaram audiência com Ribas, de modo a expor-lhe as idéias novas. (R)‘Sabemos, agora, tudo que é necessário, e alcançamos a faixa da ação plena no trabalho espiritual que

vocês, aliás, reclamavam.’ (Er)‘Será justo continuar agindo, em favor dos nossos?’ / ‘Obrigação, meu amigo, é nossa obrigação. **Os que conhecem precisam auxiliar os que ignoram, auxiliar com muito amor.**’ (Ev)‘Será lícito mentalizar reencarnações para Mancini e meu pai, em futuro próximo?’ / ‘Como não? Contudo, *é indispensável estabelecer dados concretos, com planejamento exato. Os que mais amam vão à frente, traçando caminho aos seus irmãos.* Enviarei, ainda hoje, observador a São Paulo, para conhecer melhor as condições gerais dos irmãos implicados no assunto, e vocês visitarão os parentes que ainda não puderam rever. Amanhã iniciaremos estudos produtivos.’ // *Em condução regular da cidade espiritual para o mundo físico, os dois amigos atingiram a cidade* em cujos arredores Amâncio edificara o ninho doméstico. Evelina transpôs os umbrais da antiga residência. E foi um doce voltar aos dias da meninice... O pomar farto... A sala de visitas com o velho mobiliário, o relógio de parede... Uma surpresa banhou-a de júbilo: uma foto de sua juventude e, junto, uma rosa desbotada, revelando a ternura materna... / Encontrou Amâncio e a esposa em serena palestra. *Ajoelhou-se diante da genitora e depôs a cabeça nos seus joelhos, como fazia na infância...* Brígida *não lhe registrou a presença, em sentido direto; entretanto, sentiu intraduzíveis saudades da filha* e pensou: ‘Que vontade de rever minha querida Evelina!...’ / E *esta, que lhe captava os pensamentos*, respondia: “Mamãe! Mãezinha, estou aqui!...” / O dono da casa, sob a curiosa observação de Ernesto a examinar nele os estragos do tempo, indagou: --‘Por que parou a conversa, meu bem? pensando em quê?...’ [*Carregava-se-lhe a voz da gentileza característica do homem que não se permite deteriorar a devoção pela mulher...*] (B)‘Tenho saudades de nossa filha... Dois anos de ausência...’ (Am)‘Tolinha, o irremediável pede esquecimento, o passado não volta...’ / ‘Creio, porém, que *haverá outra vida, na qual se encontrarão os que muito se amaram neste mundo...*’ // Ernesto *tateou a cabeça de Amâncio, como a pesquisar-lhe as elocubrações imanifestas, e identificou-lhe cravadas na memória as cenas vivas do assassinio de Desidério, bloqueadas nos escaninhos da mente. Pensou, no entanto, que não lhe cabia despertar no companheiro qualquer estado negativo — ele se transformara num esteio para famílias numerosas. ‘Por que havia de acusá-lo? Perante Deus e a própria consciência não seria tão criminoso quanto ele?’* // Evelina se queixava, em pranto, para o coração materno: --‘Mãezinha, sei agora que papai erra nas sombras da alma, empedernido no ódio!... Que podemos fazer as duas para ajudá-lo? [Até aí, a genitora nada pôde registrar, em sentido direto, distanciada de qualquer preocupação com o primeiro esposo.] Auxilie meu pai para que volte à vida terrestre!... Quem sabe? Vocês vivem sós nesta casa... Um menino, um filho do coração!...’ [*Brígida deixou-se empolgar pela idéia: Um menino!... Alguém que lhe povoasse a existência de esperanças novas...*] (B)‘Amâncio, penso em nossa velhice solitária, com tantas possibilidades em mão... Não concordaria você em que tomássemos um garoto para ser o filho que não temos?’ / ‘Que idéia! Em nossa idade? Sempre admirei os seus

caprichos. Não me oponho, desde que você nada reclame da trabalhadeira...' / 'Oh! Amâncio, que alegria!...' / Ante o júbilo da esposa, feliz, o interlocutor sentiu misteriosa ventura acariciando-lhe as entranhas do ser. Evelina osculava-lhe os cabelos, ao mesmo tempo em que lhe estendia a destra sobre o tórax, qual se afagasse o coração.

22. Bases do novo porvir

No dia imediato, a conferência com Ribas. Consultando algumas fichas, traçou ele um programa de ação imediata para os dois amigos. O auxílio junto a Túlio não devia esmorecer, organizando-se-lhe o renascimento próximo. Evelina lhe presidiria a renovação mental, enquanto Ernesto se encaminharia diariamente ao plano físico, a fim de atuar em benefício de Desidério e Elisa. *Ribas entendera-se com diversos diretores de serviço, domiciliados em Esferas Superiores, e granjeara autoridade para funcionar na solução dos problemas alusivos aos renascimentos que se fizessem necessários, em favor do reequilíbrio do grupo.* (Ev) 'Não me será concedido visitar meu pai e abraçá-lo agora?' / 'A condição atual de Desidério não nos aconselha espontaneidade nas atitudes. **É imperioso examinar previamente as nossas menores manifestações. Paciência! Não convém estragar oportunidades...** Ele deve reencontrá-la em momento de mais alta compreensão. Fantini assisti-lo-á através da palavra edificante, empenhando-se a despertá-lo para as alegrias da Espiritualidade Superior, ao mesmo tempo em que ambos aprenderão a readquirir o respeito e o afeto mútuos... Não é isso mesmo que sucede a você, em relação a Túlio? Isso, entretanto, não obstará sua intervenção, quando as circunstâncias o sugerirem.

.... Elisa foi internada numa clínica de saúde mental. Piorou, quanto ao processo obsessivo. Surgiu-lhe uma trombose cerebral, indicando desencarnação próxima. Tudo isso, após terrível desgosto...' (Er/Ev) '??' / 'Serpa pressionou Vera para que retirasse da genitora a faculdade de dirigir os próprios negócios, assim que convenceu a futura sogra a hospitalizar-se. O choque para Elisa foi muito doloroso porque, apesar de obsessa, está perfeitamente lúcida. Para nós, é a criatura de mediunidade torturada, com fenômenos psíquicos por ora incompreensíveis a quantos lhe desfrutam a convivência... Para muitos é um caso de senilidade precoce...' (Er) 'Caio, então...' / '...é o procurador de nossa doente e da filha... Devo informar a você de que seus terrenos em Santos já foram vendidos, tendo ele ganho a corretagem. *Não digo isso como quem julga o comportamento menos feliz de um companheiro, mas sim porque precisamos planejar o futuro, com a obrigação de nos determos em minudências mesmo indesejáveis...*' / 'Que ladrão! (Ev) Meu Deus!... Mais uma vez, Caio, malfeitor?!' (R) '**Evitemos a crueldade, fuja de qualquer violência. Indispensável envolver Serpa e Vera em ondas de simpatia.**' (Er) 'Por quê?' /

‘Vocês não devem esquecer que os dois, na equipe doméstica, são amigos providenciais. Se vocês operarem com segurança, Caio esposará Vera e será o pai de Mancini, resgatando débito, porquanto, havendo subtraído Túlio à vida física, é obrigado a restituir-lhe esse patrimônio, segundo os princípios de causa e efeito. Além disso, tranquilizará Evelina, encarregando-se da reeducação de um Espírito que tanto trabalho vem custando à nossa amiga. Quanto a você, Fantini, aceite a realidade, meu amigo. *Todas as propriedades, no campo físico, passam ao domínio de outras vontades. A vida reclama o que nos empresta, dando-nos em troca, seja onde seja, o que fazemos dela, junto dos outros...* Abstenhamo-nos de classificar Caio por ladrão e malfetor. É filho de Deus, tanto quanto nós, sacando no futuro. Toma hoje por empréstimo, à sua viúva e filha, os recursos que você lhes deixou, julgando que realiza brilhante proeza de inteligência... Entretanto, a pessoa enganada é ele mesmo...’ / ‘Como?’ / ‘*Supondo senhorear largos créditos, Caio apenas assume largas dívidas, perante as Leis Divinas. Apaixonar-se-á pelo dinheiro. Andará distante da verdadeira felicidade, apenas pensando em ganhar, amontoar...* E tudo isso, no fim, será revertido em benefício... sabe de quem? Dos seus familiares, meu caro, principalmente de Elisa, a quem hoje impele à desencarnação prematura. *O renascimento dela, depois de reequilíbrio seguro em nossa estância, poderá ocorrer dentro de 5 a 6 anos.* Com a permissão de nossos Maiores, será ela filha de Serpa e Vera, *se vocês trabalharem no socorro a ambos, com muito amor...* Renascerá depois de Mancini, o primogênito. Daqui a 30 anos, ocasião do provável retorno de Caio à vida espiritual, devolverá ele à sogra espoliada — então sua filha — tanto quanto a Vera Celina, na condição de viúva, consideravelmente aumentados, os patrimônios de que hoje se apropria. E terá trabalhado também por Túlio... *Caio é nosso aliado. Precisamos dele e, conseqüentemente, Caio precisa de nós.*’ (Ev) ‘E meu pai?’ / ‘Seu retorno já consta de nosso esquema. A idéia-semente que você lançou no coração materno frutificará, com o Amparo Divino. E Amâncio Terra, seu padraсто, receberá o socorro devido. *É ateu e criminoso, mas profundamente humano.* Fez-se o esteio de mais de duzentos Espíritos reencarnados. Há 20 anos, a todos protege como um pai atento e bom. *Tantas preces sobem no mundo, a favor dele, que chegou a merecer mais atenções de nossos Maiores...* Possui apenas mais 10 anos de permanência no corpo; no entanto, pelos serviços prestados, não nos será difícil obter moratória de 15 a 20 anos, prolongando seu tempo de vida... Nos dias que virão, *seremos chamados a aproximar os lares de Serpa e Amâncio,* porquanto Desidério e Elisa, reencarnados, realizarão venturoso matrimônio em plena juventude... Envidaremos esforço máximo, para que Desidério se despeça de nós em breve tempo, na direção da vida física...’ / Sopitando a emoção, Evelina fez nova pergunta: --‘E minha mãe?’ / ‘Acompanhará os destinos de Amâncio... Seu pai desposou-a, mas não a amava...’ (Er) ‘*Tantos projetos! Quem se responsabilizará pela execução?*’ / ‘Já ouviram falar em guias espirituais? Pois é... Vocês dois serão os encarregados do serviço em perspectiva, com todas as

tarefas-satélites conseqüentes. Trabalho para 30 anos, meus amigos!... / Ernesto contemplou Evelina, tomado de profundo enternecimento. Ele e ela haviam sido rechaçados, esquecidos... A ex-senhora Serpa fixava Ernesto, sintonizada com suas idéias e emoções. Entreolharam-se e compreenderam-se. *Necessitavam agir e construir, a favor deles mesmos. E se prometeram, sem palavras, irmanar os corações...*

23. Ernesto em serviço

As condições orgânicas de Elisa pioravam. Ernesto procurou Ribas, inquirindo por que motivo um Espírito sofredor e enrijecido na vingança, como Desidério, adquirira tamanho poder de penetração, a ponto de apontar-lhe as mínimas falhas de caráter... / *‘Nossos irmãos atrelados ao desespero e à revolta encontram razões para censurar-nos, sempre que preferimos desempenhar na Terra a função de **personalidades-legendas.**’* / ‘?’ / *‘Muita vez, somos no mundo titulares de encargos, sem executá-los de modo efetivo. Costumamos ser maridos-legendas, pais-legendas, filhos-legendas, administradores-legendas... Já fui esposo-legenda, acreditei que minhas responsabilidades se limitassem a pagar as contas de fim de mês... O dinheiro não faz o serviço do coração! Mas, nada de desânimo!... Ouçamos os opositores nas críticas que assaquem contra nós, buscando aproveitá-las com humildade. Usemos essa chave — a humildade — na solução dos maiores enigmas. Sejamos cristãos autênticos, amando, servindo, desculpendo...’ // Consagrava-se Ernesto, cada vez mais, à fraternidade legítima, tolerando as diatribes da mulher debilitada, ou suportando com resignação heróica os baldões do irmão infeliz. // Depois de 26 dias, verificou, surpreso, que Serpa vinha ao encontro da futura sogra. Em derredor de ambos, apenas os dois acompanhantes desencarnados. Elisa expôs o desejo de abraçar a filha, a fim de que ela lhe testemunhasse a sanidade mental. (C)‘Absolutamente, a senhora não terá alta. Os enfermeiros são concordes em que suas perturbações não diminuiriam.’ (El)‘Apelo para o seu cavalheirismo para que me traga Vera...’ / ‘Para quê? para traumatizá-la com as suas fantasias, seu choro, suas noites em claro? ’ / ‘Mas, por que me impõe essa recusa, se sempre o recebi em casa, como se fosse meu próprio filho?’ / ‘Mentira!... a senhora me detesta... já viveu sua vida e precisamos viver a nossa... Não será uma sogra velha que frustrará nossos planos!’ / ‘Infame!...’ [*Surgida a indignação, Desidério senhoreou-lhe a mente, de forma espetacular, e a crise se desencadeou dominadora, terrível... Elisa, possessa, investiu sobre o visitante... Serpa recuou, sob indisfarçável espanto, dando lugar à enfermeira que imobilizou a viúva, enquanto Ernesto impedia os movimentos desordenados do companheiro, *coadjuvado por outros tarefeiros espirituais, em atividade no sanatório. Um deles solicitava prisão para o agressor, que se asserenou. Ernesto valeu-se da circunstância e o apresentou como sendo para ele um irmão caríssimo, conseguindo com isso sossegar as sentinelas, que se dispersaram.*]**

(D)‘Você viu que crápula? Assassinou um colega, matou minha filha aos poucos, e agora quer arrasar Elisa, após furtá-la descaradamente...’
(Er)‘Desidério, perdoe pelo mal que lhe fizemos, acalme-se e escute-me! Nossa enferma está no fim da resistência física!...’ / ‘Tenho alguma idéia disso, mas lutarei como um touro para defendê-la. Darei a ela minhas forças, minha vida... Habitamos a mesma cela, pensamos pela mesma cabeça!... Ah! esse Caio, esse miserável...’ / ‘Assim, não... Suplico a você paciência e tolerância... Acaso, não estaremos cansados de rebeldia e de ódio? O leito das lágrimas de Elisa não poderia ser o ponto terminal de nossos disparates?’ / ‘Elisa não partirá de meus braços, não me abandonará!... Não a deixarei!...’ / ‘Inúteis, Desidério, quaisquer protestos nossos contra as forças da vida. As leis de Deus se cumprirão. Elisa nunca demonstrou vocação para a vingança. A morte vai situá-la em polo oposto ao seu, acomodando-a com os Mensageiros da Vida Maior... Perdoe, meu amigo!... incluindo Caio em sua compaixão...!’ / ‘Nunca, nunca!... Por que me tenta assim a uma conciliação impossível? que razões para tanto empenho em modificar-me?’ / ‘Aqui na Espiritualidade lidamos, de modo especial, com as forças do Espírito e renovamos almas e consciências, a começar de nós mesmos... Atenda-me! Por amor de Evelina, não quererá você **sublimar atitudes, principiando pelo perdão** que imploramos e carecemos?!...’ / ‘Evelina, minha filha!... Evelina deve habitar na casa dos anjos!... que eu padeça no inferno acalentado por mim mesmo, mas que a felicidade abençoe minha filha nos Céus!...’ // Um assistente espiritual notificou-lhes a desencarnação de Elisa para breves horas. // Avisados, Vera e Caio vieram encontrá-la agonizante. / De madrugada, Elisa tentou fixar os olhos na filha, para a inexpressável despedida; mas, descortinando a presença de Serpa, cerrou o coração em densa nuvem de mágoa, pedindo a Desidério que a resguardasse e defendesse. Bastou essa deliberação irrefletida e o acompanhante colou-se a ela, dando a idéia de quem lhe sorvia todas as forças. Elisa Fantini pendeu a cabeça, enquanto seu corpo se imobilizava para sempre. Jungido à morta, pela força dos últimos desejos dela, Desidério, inflamado em labaredas de ódio, retivera-lhe uma das mãos na destra rude, impedindo-lhe a retirada... Elisa, embora semi-inconsciente, percebeu que se achava presa a ele e algemada ao cadáver...

Irmãos da Terra, em meio às vicissitudes da experiência humana, aprendei a tolerar e perdoar!... Por mais se vos fira ou calunie, olvidai o mal, fazendo o bem!... Acendei a luz do amor onde estiverdes!... Apagai as ofensas recebidas e bendizei os ultrajes que vos burilam o coração para a Vida Maior!... Perdoai os vossos algozes!... Absolvei-vos uns aos outros!... Tecei véus de piedade e esperança sobre os seres infelizes que vos torturam as horas! Perdoai os que se fizeram instrumentos de vossas aflições e de vossas lágrimas!... Quando sentirdes a tentação de revidar, lembrai-vos daquele que concitou a “amar os inimigos” e a “orar pelos que nos perseguem e caluniam”! Recordai o Cristo de Deus, preferindo ser condenado a condenar,

porque, em verdade, quantos praticam o mal não sabem o que fazem... As leis da morte não excetuam ninguém, e somente pela bênção da paz e do amor na consciência tranqüila é que podereis alcançar a suspirada libertação!...

24. Evelina em ação

Antes que o Sol reaparecesse, Ernesto, Evelina e alguns amigos do Instituto de Proteção Espiritual, formando diminuta caravana socorrista chefiada pelo Irmão **Plotino**, abordaram São Paulo, no intuito de cooperarem com os assistentes espirituais empenhados na libertação de Elisa. Piedoso enfermeiro desencarnado confessou o receio de que, se constrangesse a senhora Fantini a largar o carro físico, violentar-lhe-ia o pensamento perfeitamente lúcido. Forçar-lhe-ia a retirada, mas não dispunha de meios para isolá-la mentalmente do acompanhante rebelde. Imprescindível a intervenção de alguém com poder de persuasão para compelir Desidério a mudar de atitude. Plotino abeirou-se dele e suplicou-lhe o concurso para que Elisa fosse liberada e conduzida a mansões de refazimento. (D)‘Palhaços!... Não me retirarão daqui... Ela é minha mulher... Tenho experiência! Conheço os que não se separam nas furnas tenebrosas que recebemos por moradias... Ninguém me arrancará desta sala!...’ // Aquele era o momento para a intervenção pessoal de Evelina. Todo o grupo persistiria em oração, a fim de apoiá-la. Viu-se, para logo, o prodígio dos pensamentos congregados num só objetivo. Evelina penetrou o recinto, qual se fora uma estrela repentinamente transfigurada em mulher. Desidério, aterrado, fixou a aparição e caiu de joelhos!... Era ela, sim — pensou —, a sua amada filha que jamais lhe escapara da lembrança... Qualificou-se por monstro, à frente de um anjo, e, à maneira de um cão batido e aviltado, intentou arrastar-se para fugir... A moça adivinhou-lhe o propósito e falou, simples: --‘Meu pai!...’ / Numa explosão de lágrimas, o interpelado respondeu: --‘Pois é você, minha filha, é você a quem Deus manda para me pedir o impossível?’ / ‘Somos, o senhor e eu, os promotores, não do impossível, mas de nossa reaproximação, em nome de nosso Criador e Pai de Misericórdia... Venho convidá-lo a estar comigo... Quando os Desígnios Divinos me retiraram do corpo, formei o ideal de reencontrá-lo!...’ / ‘Veja, minha filha, o que fizeram de mim, os criminosos que nos destruíram...’ / ‘Oh! meu pai, não acuse!... O senhor terá sofrido, mas a dor é sempre bendita perante Deus. Todo dia é ocasião de renovar e partir para destinos mais altos!...’ / ‘Você sabe hoje que fui assassinado... Fomos esbulhados pelos mesmos bandidos! Amâncio Terra, o celerado, se arvorou em seu padrao...’ / ‘Sempre me quis bem. E o arrependimento que carrega fez dele um homem bom. Sua filha não pode ser ingrata a quem lhe deu tanto!... Nunca lhe vi o mínimo gesto de desconsideração para com mamãe...’ / ‘Não me fale de Brígida, aquela infame!...’ / ‘Saiba que ela sempre me ensinou a

reverenciar sua memória...' [Ante a compreensão superior que a filha evidenciava, Desidério, em sua autopiedade, buscou novas razões para ser infeliz:] --'Acho-me aqui, ao pé de outro inimigo que não posso exculpar, Ernesto Fantini, o traidor que tentou matar-me... Pense no doloroso destino de seu pai!...' / 'Quem penetrará os desígnios de Deus? Não estaremos todos numa rede de testemunhos de amor, em vista de faltas e compromissos nas existências passadas?' / 'Você, querida, terá adquirido a visão dos anjos para enxergar benfeitores nesses canalhas...' / 'Não admite o senhor que os nossos irmãos delinqüentes são enfermos, carecedores de atenção? Por que não manifestar piedade, à frente das vítimas da loucura? Serão os mutilados de Espírito, diferentes dos mutilados do corpo?' / 'Ai de mim, que não sei perdoar!... O carro da vida me esmaga por farrapo inútil!...' / 'Não lhe ocorre que todos somos filhos de Deus, dependentes uns dos outros?' / 'Não posso!... Não posso compreender como devo abraçar os que me espancam!...' / 'O senhor não deseja caminhar adiante? ser livre e feliz? Então, **olvide todo o mal. Nunca refletiu no poder do tempo? O tempo nos auxilia a descobrir a fonte do amor que nos lava todas as culpas...** / 'Para os Espíritos como eu, o relógio é máquina de enlouquecer... Padeço por abominar três lobos, Amâncio, Ernesto e Serpa, e sofro para defender três ovelhas, Elisa, você e Vera, já que arredei Brígida para longe de mim... Você não ignora que Vera se deixou magnetizar pelo tratante que foi seu marido!...' / 'Piedade, meu pai!... Pensemos em Vera e Caio com os melhores sentimentos!... Reflitamos no futuro... Amanhã, ser-nos-ão eles preciosos amigos, devotados protetores!... / 'Você só enxerga o bem, eu vejo o mal que vence o bem...' / 'Não é isso. O senhor se julga perfeitamente são, quando, na realidade, precisa de assistência e reajuste. Eu também, de princípio, admiti-me espoliada pela vida... Entretanto, o orvalho da Bondade Infinita de Deus visitou a ressequida plantação de meus sentimentos nobres, através das lições de instrutores abnegados, e reequilibrei-me, concluindo que Caio e Vera são nossos irmãos da alma... Indispensável entender-nos, ajudar-nos reciprocamente e caminhar para adiante!... Caminhar, resgatando os compromissos de ontem, para que o amanhã seja melhor... Compreender é buscar a frente, auxiliar os outros será garantir-nos! o amor não falha e Deus nos criou para o amor sem lindes!...' / 'Mas semelhante renúncia não será destruir-nos em suicídio moral?' / 'Não, meu pai, o amor verdadeiro eleva-se de nível... Deus nos permite abraçar, como filhos, aquelas mesmas criaturas que não soubemos amar em outras posições sentimentais!... Se nuvens de mágoa lhe anuviam ainda o coração, lance-as fora e sigamos para a frente, aspirando à paz!...' Aceite meus rogos, pai querido!...' / 'Não, não!... sou um réprobo, não posso fingir!...' [Viu-se, então, o ponto mais alto e mais enternecedor do encontro. De mãos pousadas na cabeça do genitor, Evelina lançou os olhos para o Alto e exorou:] 'Oh! Deus de Bondade!... Meu pai e eu somos dois remanescentes ainda unidos de grande família espiritual, presentemente dispersa!... Concede, ó Todo-Misericordioso,

se é de tua vontade, que perseveremos em sintonia, no mesmo anseio de redenção!..”. / Tangido por energias recônditas, Desidério desferiu doloroso gemido e largou, de imediato, a mão da morta... Abraçando os pés da filha, bradou, com veemência: --‘Ah! Evelina!... Minha filha, leve-me para onde quiser!... *Confio em você!... Apague a fogueira de meu Espírito que tem sabido tão-somente odiar!... Socorro, meu Deus!...*’ / Acorreram enfermeiros desencarnados, desentranhando Elisa do corpo inerte, e o Irmão Plotino acomodou Desidério, semi-inconsciente, na ambulância que o transportaria a novo domicílio espiritual. / Quanto a nós, oramos, sem conseguir articular palavra...

25. Nova diretriz

Após internarem Desidério e Elisa em afetuosa organização hospitalar, Ernesto e Evelina retornaram a São Paulo, desejosos de consultar a posição íntima de Vera. Identificavam-se no dever de ampará-la e esperavam reajustar as atitudes de Caio. *Estabelecido o cortejo fúnebre, os dois visitantes desencarnados e outros amigos da Espiritualidade Maior se instalaram no carro familiar, junto de Vera*. No campo-santo, Ernesto escorou a filha, enquanto Evelina seguia o ex-esposo a quadra próxima, pois não desejava ele ver a inumação. *Colhido em cheio pela influência da companheira, que há dois anos levava ao sepulcro, pensava nela e lhe via o semblante na tela da memória*. Não longe, Vera chorava nos braços dos amigos, enquanto ele, sorumbático, refletia... A vida terminaria em montões de pedra e cinza? Em que região andaria Evelina, na hipótese de continuação da existência? Lembrou-se de Túlio Mancini e passou a indagar por que motivo se confiara à loucura de assassiná-lo... *Propôs-se alijar as reflexões; no entanto, sentia-se incompreensivelmente físgado ao pretérito*. Evelina perguntou, docemente: --‘Caio, que fazes da vida?’ / *O advogado não registrou a indagação com os tímpanos corpóreos, mas ouviu-a na acústica da alma e julgou monologar. Em que valores permutara o patrimônio das horas? em que recursos convertia a saúde e o dinheiro? que bênçãos já teria espalhado com o título acadêmico que ostentava?* / ‘Caio — assoprou-lhe Evelina aos ouvidos da alma —, pense nos seus compromissos... É tempo de legalizar a situação da jovem que se entregou a ti sem qualquer restrição...’ / Serpa reproduziu a interpelação, no campo mental, supondo desenvolver tão somente autocrítica: ‘casar-me? por quê?’ Escutara referências desprimorosas, que não recomendavam Vera para esposa. / ‘Caio, quem és tu para julgar?’ [A interrogação de Evelina percutiu na alma dele em forma de idéia fulgurante que o enterneceu e assustou... E qual se pensasse em voz alta, a falar espiritualmente para si próprio, recebia novas exortações, semelhando impactos da verdade a lhe atingirem o ser...] ‘Não és alguém onerado com

débitos escabrosos perante a Lei? a que título condenar sumariamente alguém? Sabia ser afável até o ponto em que as circunstâncias não o descontentassem. Bastava um leve ponto a contrariá-lo para que se internasse em escapatórias, para não se incomodar... Não teria chegado o momento de auxiliar a outrem, agir a favor de alguém? [A ex-senhora Serpa passou a reflexões de otimismo e esperança:] ‘Ser pai, cuidar de filhos queridos, não será na Terra a mais elevada compensação? O matrimônio com Vera te investirá legalmente na posse de recursos valorizados e aumentados... Um lar, Caio!... Um lar, onde possas descansar, renovar-te, esquecer!...’ [Pela primeira vez, depois de muitos anos, Serpa chorou...] ‘Sim, Caio, lava o coração na corrente das lágrimas!... Chora de esperança, de júbilo! A morte é ilusão. A vida triunfa, bela e eterna!... Vamos!... Concede a nossa Vera a certeza de um casamento digno!...’ // Sucedeu o inesperado. Habitualmente agressivo e rebelde, Caio avançou sempre abraçado pela ex-esposa, na direção da jovem, tomou-lhe o braço de leve e comunicou, em voz alta, para testemunho dos amigos: --‘Vera, não chore mais... Você não está sozinha! Amanhã mesmo organizaremos a documentação para casar-nos tão breve quanto possível!...’ // Mais um passo importante estava articulado para o futuro melhor...

26. E a vida continua...

O matrimônio de Caio e Vera trouxe a Ernesto e Evelina nova fonte de incentivo ao trabalho. Túlio concordou em matricular-se no Instituto de Serviço para a Reencarnação, internando-se num dos gabinetes de restringimento. Antecedendo a medida, certa noite foi levado à presença de Vera, para familiarizar-se. De imediato, simpatizou com ela. Recomendou Evelina que a abraçasse, nela venerando a protetora que o abençoaria por filho. A esposa de Caio não percebeu a manifestação afetiva, em sentido direto; no entanto, pensou, feliz: --‘Como desejava ter um filhinho!...’ / Túlio perguntou quem lhe seria o genitor, mas Evelina deu-se pressa em explicar que o dono da casa se achava distante e que Mancini o conheceria em momento oportuno. // Ante as realizações em processo, o tempo para Fantini e a companheira jazia repleto de obrigações agradáveis e belas. Auxílio constante a Mancini, Caio e Vera, e amparo infatigável a Elisa e Desidério, convenientemente hospitalizados. Ernesto como que remocara e Evelina parecia haver amadurecido, qual se os dois houvessem combinado operar um reajuste da forma, com vistas à harmonização em nível de idade semelhante. Impressionado com aquela conciliação gradativa, Ernesto perguntou ao Instrutor Ribas se lhe seria cabível conhecer o passado, sem mais delongas, reavendo a memória de outras existências. (R)‘Desaconselhável a providência, conquanto possível. Você e Evelina estão abraçando longa empresa de serviço em nosso plano... Desidério, Elisa, Amâncio, Brígida, Caio, Vera, Túlio e vocês dois formam uma equipe de corações comprometidos uns com os outros, perante as Leis de Deus, há muitos

*séculos... Integramos, eu também com vocês, uma grande família...’ / ‘Na Terra, não formulamos idéia do volume de obrigações que nos espera depois da morte...’ / ‘Sem dúvida. No plano físico, idealiza-se a continuação da vida, no mundo espiritual... No mundo espiritual, idealiza-se a correção, o reajuste, a melhoria, o polimento dessa mesma vida, no plano físico. **Progredindo sempre, conforme as Leis do Universo, até alcançarmos a perfeição, nosso destino comum...**’ / ‘Quer dizer que, de futuro, talvez Evelina e eu venhamos a renascer entre aqueles Espíritos, em cuja aproximação colaboramos...’ / ‘Isso é mais que possível, por obviamente natural...’ / ‘Instrutor, Evelina e eu temos refletido...’ / ‘Já sabemos. Pensam num casamento compreensível e digno... Esteja tranqüilo, Ernesto. Cuidaremos do assunto.’ // Os dias rodavam em plenitude de serviço. Fantini e a companheira perceberam quantos cuidados eram necessários para assegurar um renascimento relativamente tranqüilo a um Espírito enfermo, qual Mancini, que requisitava trabalho incessante, para que o aborto não reponhasse em prejuízo geral. Em milhares de outros casos não cabiam tantas preocupações. Quaisquer choques no ambiente materno induziam-no à irritabilidade. Certamente que se demorava em sono terapêutico para a volta criteriosamente vigiada ao campo terrestre, a que na arena dos homens se dá sumariamente o nome de gravidez, como se gravidez fosse acontecimento insignificante e igual para todos os reencarnandos, com repercussões análogas para as mães; o sono terapêutico do Espírito, conjugado ao desenvolvimento fetal, se caracteriza por graus diversos, nem sempre raiando pela inconsciência total. / Empreendimentos e obrigações se avolumaram, a benefício de Mancini, até o dia em que lhe ouviram os primeiros vagidos no berço, entre o êxtase de Vera e a emoção de Caio... // Evelina e o companheiro se achavam agora de espírito voltado para o retorno de Desidério à experiência carnal. Passaram às entrevistas preparatórias. Proposições e debates. Desidério dos Santos pedia, exigia, queixava-se... E, no fundo, não se lhe podia dar a extensão total da verdade, quanto ao porvir próximo. No roteiro traçado, não cabia dar-lhe informes acerca do refúgio doméstico em que teria a nova oportunidade. Merecia a bênção da reencarnação; contudo, não lhe era lícito complicar ou desprimorar situações. Desidério, no entanto, não era fácil de contentar. Passado um ano sobre a desencarnação da viúva Fantini, fez ele a última exigência: queria ver Elisa, a sós, de modo a entretecerem projetos para o futuro. O Instrutor Ribas aprovou o requerimento, e a palestra íntima durou dez horas consecutivas. Nada transpirou do que ambos confidenciaram, entre si, naquele primeiro e último encontro, no Mundo Espiritual, porém Desidério, com novo brilho no olhar, mostrou-se desde então paciente e respeitador. Concomitantemente, Elisa rogou a Evelina amparo para internar-se em algum educandário. **Ansiava aprender, preparar-se e melhorar-se, ciente de que todos os valores conquistados na Espiritualidade Maior se transformam em dilatados recursos de apoio e colaboração, seja onde for.** Evelina anuiu, satisfeita. / Recolhido Desidério aos gabinetes de restringimento, concluíram as autoridades*

que não lhe seria proveitoso o conhecimento prévio do lar em que lhe cabia renascer, porquanto a condição de enjeitado haveria de compeli-lo a mergulho mais profundo no passado, para revisão de existências em que fizera jus à prova em perspectiva, e não seria útil imergi-lo em avançados processos de memorização. Felizmente, aceitou, confiante, as promessas que lhe formulavam. Por outro lado, categorizava-se-lhe a volta ao convívio de Amâncio e Brígida, por valioso ganho de tempo, dado que ocorreria ainda na atual encarnação deles. / Ribas convidou Fantini e a companheira a tomarem contato com a senhora humilde e simples que seria para Desidério a benemérita genitora. Tratava-se de mulher jovem, esposa de um lavrador que a tuberculose devorava, e mãe de quatro filhinhos em constrangedoras necessidades. Ela mesma, Dona **Mariana (M)**, já se achava em condições orgânicas deficitárias, sentenciada a contrair a moléstia. Desidério ser-lhes-ia o rebento derradeiro, antes da desencarnação, e aos dois amigos espirituais, erigidos ao encargo de guardiães, caberia o santo dever de criar as circunstâncias pelas quais o recém-nato entrasse no lar do velho casal Terra, na posição de filho adotivo. / Noite alta no plano físico... Mariana, em desdobramento espiritual através do sono comum, penetrou na sala em que Ribas e os amigos a esperavam. Deteve-se perante o Instrutor e pediu-lhe a bênção. (R)‘Levante-se, Mariana, temos algo a conversar... Esta é a irmã Evelina, que velará por você na próxima gravidez. Por favor, esforce-se para retê-la na lembrança!...’ (M)‘Anjo de Deus, compadecei-vos de mim!’ (Ev)‘Mariana, não sou um anjo, sou apenas sua irmã.’ / A jovem mãe voltou-se para Ribas, com quem já tivera entendimentos, e notificou com apreço filial: --‘Meu pai, cumprirei a vontade de Deus, recebendo mais um filho, e aguardo a vossa proteção. **Joaquim**, meu esposo, está mais fraco, mais doente... Nosso barraco não está resistindo às chuvas... Quando o vento atravessa as paredes rachadas, Joaquim piora, tosse muito!... Não estou a queixar-me, mas peço o vosso auxílio!...’ / ‘*Não tema! Deus não nos abandona! Seus filhinhos serão sustentados e, muito em breve, você e Joaquim estarão numa casa grande...*’ / ‘Confio em Deus e em vós!...’ [Não sabia a devotada criatura que o Instrutor se reportava à próxima desencarnação do casal, quando, por merecimento genuíno, teriam os dois cônjuges novo domicílio na Vida Maior.] / Mariana voltou, agora custodiada também por Evelina e Fantini, à rústica habitação que o vento castigava. Despertando, acordou o marido: -- ‘Joaquim!... No sonho, acabei de encontrar o velho que já vi outras vezes... Ele disse que vamos ter mais um filho!...’ / ‘Que mais?’ / ‘Disse que nós vamos ter uma casa grande...’ / Ah! minha mulher!... Casa grande? só se for no outro mundo!...’ // Os visitantes desencarnados sorriram... Evelina, emocionada, compreendeu que Joaquim não se deteria muito tempo na Terra e, em prece ao Senhor, prometeu não repousar enquanto não ligasse Mariana a Brígida, para que os derradeiros dias daquele pouso de sofrimento fossem lenificados pelo sol da beneficência. / Dois dias após, sediou-se na mansão do padrasto e pôs-se a influenciar o coração materno. Deu-lhe sonhos com o pequenino que lhe

chegaria aos braços, povoou-lhe as reflexões com ideais de caridade e esperança, sugeriu-lhe leituras renovadoras, inspirou-lhe conversações com o marido. Na casa senhoril, apareceu o hábito regular da prece, porquanto Brígida conseguiu que o esposo lhe compartilhasse as orações, todas as noites, no preparo do sono, ao que Amâncio aquiesceu com bonomia e estranheza. Espantado, anotava ele o fervor da mulher, a inflamar-se de amor ao próximo, e, porque fosse dado à solidariedade humana, encorajava-lhe os rasgos de altruísmo... // Quatro meses haviam transcorrido sobre a nova situação, quando eis que Mariana, trazida espiritualmente por Evelina, bateu à porta... Brígida veio atender. Enlaçada de imediato, pela filha, a fazendeira ouviu a recém-chegada com simpatia. Mariana implorava trabalho. Engravidara-se de novo, embora já tivesse quatro filhinhos... Achava-se sem recursos e com o marido muito doente... A senhora Terra deu-lhe algum dinheiro e prometeu visitá-la, naquele mesmo dia. Evelina exultava de alegria e confiança. Ao crepúsculo, Amâncio acompanhou a esposa até à habitação paupérrima. Condoídos, providenciaram a remoção da família em penúria para estreito mas confortável domicílio, na gleba que cultivavam. // Joaquim demandou a Espiritualidade, louvando os benfeitores, antes que o quinto filhinho viesse à luz... Mariana adoeceu gravemente. Viúva, entregou a parentes humildes os quatro órfãos, na previsão de morte próxima... Brígida, atônita, transferiu-a para a própria casa, onde Desidério, reencarnado, abriu por fim os olhos de novo para a existência terrestre. Mariana colocou nos braços dos protetores a criancinha ansiosamente esperada e desencarnou cinco dias depois!... Benfeitores desencarnados acolheram a piedosa mãe, ao mesmo tempo que osculavam o pequenino... Misturavam-se ali o adeus e a chegada, a tristeza da morte e a alegria da vida!... A fazendeira chorava e ria, Amâncio meditava, tocado de emoções e idéias renovadoras... Ernesto e Evelina, em preces de jubilosa gratidão, notavam, surpresos, que tanto para Mariana, no esquiife, quanto para Desidério, no berço, enviava Deus a bênção de um novo dia!... // À noite, pequena carruagem voadora depunha Fantini e a companheira na cidade que lhes servia de residência. Demandaram o Instituto, onde almas carinhosas atiraram-lhes flores. A casa festejava os dois obreiros do devotamento e da humildade... Ribas saudou-os e rogou, comovido: “Senhor Jesus, abençoa os teus servos que se consagram hoje um ao outro em sublime união!... Ensina-lhes que a felicidade é uma obra de construção progressiva no tempo e que o matrimônio deve ser realizado, de novo, todos os dias, na intimidade do lar!...”

Fim de “E A Vida Continua”

Fim da “Série André Luiz”